



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mariana Rezende Spini

**Uso do Sandplay no atendimento de crianças com sintomas de
hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção**

Uberlândia

2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mariana Rezende Spini

Uso do Sandplay no atendimento de crianças com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Psicologia na área de Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Área de Concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientadora: Profa Dra. Celia Vettore

Uberlândia

2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S757 Spini, Mariana Rezende, 1996-
2022 Uso do Sandplay no atendimento de crianças com
sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou
desatenção [recurso eletrônico] / Mariana Rezende Spini.
- 2022.

Orientador: Celia Vectore.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.497>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Vectore, Celia, 1959-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 408, PPGPSI				
Data:	Oito de setembro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	9:00	Hora de encerramento:	11:09
Matrícula do Discente:	12012PSI023				
Nome do Discente:	Mariana Rezende Spini				
Título do Trabalho:	Uso do Sandplay no atendimento de crianças com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Construção de recursos mediacionais para intervenção junto às crianças e formação de mediadores				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Paulo Afrânio Sant'Anna - UFVJM; Paulo José Baeta Pereira - UFMG; Célia Vectore, orientadora da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^a Dr.^a Célia Vectore e a discente Mariana Rezende Spini participaram da cidade de Uberlândia - MG, o Prof. Dr. Paulo Afrânio Sant'Anna participou desde a cidade de Diamantina - MG e Prof. Dr. Paulo José Baeta Pereira desde a cidade de Belo Horizonte - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr.^a Célia Vectore apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e

achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Celia Vectore, Usuário Externo**, em 08/09/2022, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Afranio Sant'Anna, Usuário Externo**, em 08/09/2022, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo José Baeta Pereira, Usuário Externo**, em 08/09/2022, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3877352** e o código CRC **1D6FB4F2**.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Túlio e Marta, pelos ensinamentos diários e por me encorajarem sempre a buscar uma trajetória com sentido, pautada no respeito, carinho, amor e ética direcionada ao outro.

Aos meus irmãos, Pedro Henrique e Gabriela, pessoas por quem tenho grande admiração e que me permitem crescer sempre, agradeço pelo apoio ao longo desse percurso.

Ao João Lázaro, companheiro da minha vida, pessoa ética e justa, meu revisor de gramática, obrigada por todas as vezes que segurou minha mão e me ajudou tanto ao longo dessa pesquisa.

A Heliana, Márcio, Marcelo e Rosane, minha segunda família, agradeço por terem me acolhido com todo o carinho possível, o que foi essencial para a finalização dessa etapa.

À minha avó Valdiné Badan, obrigada por ter auxiliado na minha criação e se demonstrar interessada em saber como estou, sempre com braços abertos.

Ao meu avô, Zaire Rezende, velho sábio, sempre será minha referência de bondade e conhecimento. Agradeço por todos nossos momentos juntos, pelas conversas profundas e por ter demonstrado inúmeras vezes curiosidade pela minha pesquisa.

À minha prima Micaela Rezende, minha irmã do coração, agradeço pelo apoio, presença, carinho e cafés semanais ao longo desse percurso.

À Profa. Dra. Celia Vectore, minha referência acadêmica, pessoa que sempre me tratou com muito carinho, sem a qual essa pesquisa não seria possível. Agradeço pela nossa jornada permeada por tantos aprendizados, e pelo privilégio de ser sua última orientanda no mestrado.

Ao Prof. Dr. Paulo Afrânio e ao Prof. Dr. Paulo Baeta, referências da Psicologia Analítica no Brasil, agradeço pela disponibilidade, atenção e considerações extremamente relevantes acerca dessa pesquisa.

À Profa. Dra. Núbia Guimarães, pessoa atenciosa e amorosa, obrigada pelo carinho e auxílio ao longo do mestrado.

Ao Prof. Dr. Emerson Rasesa, agradeço por ter me orientado no estágio de pós-graduação em nome da UFU, e pelas reflexões riquíssimas acerca da prática do psicólogo e do universo da pesquisa, tanto em sala de aula, quanto nos momentos de supervisão.

À Christina Martins, sinônimo de leveza, espontaneidade e empatia. Obrigada pela oportunidade de ser sua estagiária/sementinha ao longo desse percurso, e poder aprender tanto com alguém tão sensível e com tamanha experiência.

À Márcia Lopes, pessoa íntegra, que me acompanhou ao longo de quatro anos, me acolhendo sem julgamentos, e que disponibilizou a sala de atendimento e os materiais necessários para realização da pesquisa sem hesitar. Muito obrigada por tudo!

Às minhas amigas, Bruna Pacheco, Letícia Martins e Nilva Letícia Tonial, amigas de tantos anos. Agradeço por todo o suporte ao longo desse período. Sei que posso contar sempre com vocês.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PGPSI) da Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade concedida para a realização do mestrado em Processos Psicossociais da Saúde e Educação.

Resumo

Trata-se de um estudo com o objetivo de avaliar a pertinência do uso do Sandplay, em crianças oriundas da educação infantil e com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção. O estudo se justifica pelo aumento expressivo do diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e, na sequência, do uso de medicamentos para o controle da sintomatologia, a despeito dos possíveis efeitos deletérios dos mesmos. Participaram do estudo seis crianças, com idades de quatro a seis anos, seus responsáveis e professores. Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram: entrevistas semiestruturadas com os professores, aplicação do questionário SNAP-IV e anamnese com os familiares; Jogo de Areia (Sandplay); miniaturas de personagens; e 10 sessões de atendimento psicológico com o uso do Sandplay. No final do estudo, foram realizadas entrevistas com os responsáveis e professores, e reaplicado o questionário SNAP-IV, a fim de verificar se houveram alterações na sintomatologia apresentada pelas crianças após a intervenção. Foi possível constatar uma diminuição nos sintomas de desatenção em todos os participantes, bem como nos sintomas relacionados à hiperatividade e impulsividade, com exceção de uma. Embora o estudo não possa ser generalizado devido às suas especificidades, lança luz acerca da utilização do Jogo de Areia em contextos educacionais, podendo ser um recurso para psicólogos escolares com conhecimento sobre seu procedimento, contribuindo para o desenvolvimento infantil e na diminuição de estereótipos presentes nas escolas. Observou-se que o Sandplay atuou como ponte de interação entre inconsciente e consciente, tornando possível a organização psíquica, auxiliando na diminuição dos sintomas.

Palavras-chave: TDAH; Sandplay; Jogo de areia; Desmedicalização; Infância

Abstract

This study aimed to assess the relevance of using the Sandplay in children from kindergarten with symptoms of hyperactivity, impulsivity and/or inattention. The study is justified by the significant increase in the diagnosis of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and, as a result, the use of medication to control symptoms, despite their possible deleterious effects. Six children, aged four to six years, their guardians and teachers participated in the study. The instruments used for the research were: semi-structured interviews with teachers, application of the SNAP-IV questionnaire and anamnesis with family members; Sandplay Game; character miniatures; and 10 psychological sessions using Sandplay. At the end of the study, interviews were conducted with guardians and teachers, and the SNAP-IV questionnaire was reapplied, in order to verify if there were changes in the symptoms presented by the children after the intervention. It was obtained, through the research, that there was a decrease in the symptoms of attention-deficit in all participants, as for the symptoms related to hyperactivity and impulsivity, significant improvements were noticed in all children, with the exception of one. Although the study cannot be generalized due to the size of the sample, it brings important indications about the use of sandplay in educational contexts, demonstrating that it may be interesting for school psychologists to have knowledge about its procedure, since it can contribute to child development, such as to help reduce stereotypes present in the school context. It was observed that Sandplay acted as a bridge of interaction between the unconscious and the conscious, making psychic organization possible, helping to reduce symptoms.

Keywords: ADHD; Sandplay; Demedicalization; Childhood

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo 1.....	17
1.1 Apontamentos sobre os sintomas de desatenção, hiperatividade/impulsividade.....	17
1.2 Psicologia Analítica: desenvolvimento psíquico e conceitos básicos.....	22
1.3 Sandplay: local de expressividade para crianças com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.....	31
Capítulo 2 Método.....	35
2.1 Participantes.....	35
2.2 Procedimento.....	35
2.3 Instrumentos.....	36
2.4 Análise de Dados.....	36
Capítulo 3 Resultados.....	38
3.1 Bloco I.....	39
<i>3.1.1 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com os responsáveis antes das sessões de Sandplay.....</i>	<i>39</i>
<i>3.1.2 perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras antes das sessões de Sandplay.....</i>	<i>43</i>
3.2 Bloco II.....	46
<i>3.2.1 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com responsáveis após as sessões de Sandplay.....</i>	<i>47</i>
<i>3.2.2 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras após as sessões de Sandplay.....</i>	<i>49</i>

<i>3.2.3 Comparação dos resultados obtidos pelo questionário SNAP-IV antes e após a aplicação do sandplay.....</i>	<i>51</i>
3.3 Bloco III.....	56
<i>3.3.1 Sessões de Sandplay.....</i>	<i>56</i>
<i>3.3.1.1 Nicole.....</i>	<i>56</i>
<i>3.3.1.2 Giovana.....</i>	<i>67</i>
<i>3.3.1.3 Felipe.....</i>	<i>77</i>
<i>3.3.1.4 Manoel.....</i>	<i>87</i>
<i>3.3.1.5 Nicolas.....</i>	<i>97</i>
<i>3.3.1.6 Lara.....</i>	<i>107</i>
Capítulo 4 - Análise dos Resultados e Discussão.....	117
4.1 Nicole.....	120
4.2 Giovana.....	123
4.3 Felipe.....	127
4.4 Manoel.....	130
4.5 Nicolas.....	133
4.6 Lara.....	135
Considerações Finais.....	138
Referências.....	140
Apêndice A.....	144
Apêndice B.....	146
Apêndice C.....	149
Apêndice D.....	150
Apêndice E.....	152
Apêndice F.....	153

Apêndice G.....	154
Anexo 1.....	156

Introdução

A contemporaneidade tem sido marcada por mudanças vertiginosas em todos os âmbitos da existência humana. Novas formas de relacionamentos, com ênfase em contatos virtuais e rápidos; novas configurações familiares, que incluem famílias monoparentais, homoafetivas entre outras possibilidades; novas demandas de trabalho; novas profissões surgindo e um grande número dessas se extinguindo. Tal cenário se constitui em uma tarefa hercúlea para estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, em especial para os psicólogos, que tem em seu objeto de estudo o conhecimento do comportamento humano e, cabe aos mesmos, compreender os impactos dessas emergentes configurações sociais, no que respeita a aparentemente prosaica e complexa tarefa de se criar o ser humano para a vida em sociedades.

A despeito do grande número de teorias psicológicas e educacionais que enfocam a melhor forma de se criar e educar as crianças, um longo caminho ainda deverá ser percorrido, de modo a contemplar toda a diversidade e especificidade da natureza humana. Por ora, o que se tem como certeza, é que as mudanças sociais impactam no desenvolvimento infantil, quer facilitando-o ou ao contrário, tornando-o problemático.

Nesse contexto, a responsabilidade na construção de um ser humano integral, além da família, uma instituição que se destaca é a escola e, é nessa que, a cada demonstração ou indícios de dificuldades de aprendizagem e/ou adaptação ou desadaptação das crianças, psicólogos e psiquiatras são chamados para diagnosticar possíveis patologias, acarretando um crescimento exponencial de transtornos de aprendizagem das mais diversas ordens, presentes em idades cada vez mais precoces. Uma das faces preocupantes de tal situação, refere-se à questão da medicalização na infância, que tem mobilizado debates acalorados entre especialistas de diferentes áreas, na busca da melhor compreensão e manejo desse quadro.

A Associação Americana de Psiquiatria, APA (2013) aponta que, os transtornos se

manifestam cedo no desenvolvimento, até mesmo antes da criança ingressar na escola, possuindo déficits que trazem prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Nesse sentido, o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), entre as diferentes nomenclaturas que tratam das dificuldades ou transtornos de aprendizagem é um que se faz presente, pelo uso frequente de medicações, que contém metilfenidato em sua composição, conhecido comercialmente como Ritalina (Laboratório Novartis) e Concerta (Jassen). Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) (2019), em 2018 o Brasil ficou em sétimo lugar no ranking dos países que mais importaram metilfenidato do mundo, um total de 1,7 tonelada.

No bojo da patologização vem o uso aparentemente abusivo do metilfenidato, como pode ser visto nos dados anteriormente referidos e, suas frequentes reações adversas, conforme pode ser observado pela bula do medicamento identificado como Ritalina, expedida pelo Laboratório Novartis SA (2013) são elas: infecções e infestações, distúrbios do metabolismo e nutrição, psiquiátricos, do sistema nervoso, cardíaco, respiratório, além do risco de dependência física ou psíquica.

Um fator que pode vir a aumentar ainda mais o uso da medicação no Brasil é a Lei nº 14.254, que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem, publicada em 30 de novembro de 2021. A referida lei apresenta ideias interessantes como apoio terapêutico especializado na rede de saúde e aponta a necessidade de uma preparação dos professores para identificar sinais relacionados ao TDAH, visando um diagnóstico precoce. Contudo, é importante se atentar para o modo como será implementada, caso seja aprovada.

Frente ao quadro do alto consumo da medicação junto às crianças pequenas, avalia-se a necessidade de práticas que viabilizem o manejo da sintomatologia, na maior parte das

vezes, indesejada, a partir de formas mais adequadas e menos deletérias e que talvez, possam minimizar o uso de medicação. Hipotetiza-se que um desses recursos possa ser o Sandplay, desenvolvido por Dora Kalff, com base nos conceitos da Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung.

O sandplay foi criado pela Dora Kalff em Zurique, levado aos Estados Unidos por Estelle L. Weinrib, difundindo-se mundialmente. De acordo com Giovanetti & Sant'Anna (2014), Sandplay é a tradução em inglês do termo Sandspiel em Alemão. Inicialmente a tradução para o português foi “caixa de areia”, todavia, ainda segundo os autores, por não indicar o caráter lúdico do instrumento, acreditam que a melhor tradução seria o termo “Jogo de Areia”, que será utilizado neste trabalho para indicar a utilização do instrumento, intercalado com o termo Sandplay.

Segundo Weinrib (1993/1983), o Sandplay é uma forma de terapia sem regras, não-verbal e não-racional, que atinge um nível pré-verbal profundo da psique, fornecendo uma oportunidade de ser ou de agir livre de impedimentos. O jogo é realizado em um cenário montado pelo cliente em uma caixa contendo areia, podendo ser molhada ou seca, a partir de miniaturas disponibilizadas no local, de modo a permitir a criação num mundo na areia, que corresponda à sua realidade pessoal e social.

Matta (2007), no estudo com o Sandplay para o tratamento de crianças de seis a nove anos diagnosticadas com Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), mostrou que os participantes ao final da pesquisa, se encontraram livres de tratamentos psicofármacos. Outros trabalhos também demonstraram a eficácia da técnica em temáticas, como autismo infantil (Lu, Petersen, Lacroix, & Rousseau, 2010), problemas de autoestima (Lee, Johari, Mahmud, & Jamaludin, 2018), hiperatividade e agressão (Kahrizi, Moradi & Momeni, 2015), desordens emocionais (Starostina & Filippova, 2018) etc. Tais produções são relevantes, uma vez que o transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do espectro autista podem ser comórbidos com

o TDAH. É importante destacar que, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2013), pessoas diagnosticadas com o transtorno alcançam escolaridade menor, menos sucesso profissional e têm escores intelectuais reduzidos na comparação com seus pares, o que pode ser prejudicial, afetando a adaptação social, familiar e escolar/profissional, com problemas na autoestima.

Isto posto, o presente estudo se justifica já que, a partir dos resultados poder-se-á promover o manejo da sintomatologia, de modo a possivelmente, se ter uma diminuição na medicação administrada às crianças. Nesse sentido, o objetivo será avaliar a pertinência do uso do Sandplay, no que se refere às alterações de comportamentos identificados como hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção em crianças oriundas da educação infantil.

Capítulo 1

1.1 Apontamentos sobre os sintomas de desatenção, hiperatividade/impulsividade

Historicamente, o nome “Transtorno de Déficit de Atenção” (TDA) surgiu pela primeira vez no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais III (DSM-III), em 1980, dividindo a doença em TDA com hiperatividade e TDA sem hiperatividade. Os quadros psicopatológicos passaram a ser apresentados como transtornos mentais diagnosticados sob um número de sintomas presentes, por um determinado tempo (Brzozowski & Caponi, 2009; Guarido, 2007). Em 2002, entrou em vigor o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV (DSM-IV-TR) (Associação Americana de Psiquiatria, 2002). Em 2013, o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V-TR) (Associação Americana de Psiquiatria, 2013). Ao longo das suas sucessivas edições houve algumas mudanças acerca do diagnóstico, como por exemplo, a ampliação da faixa etária, o que segundo Silva (2018), pode ter colaborado para o aumento na quantidade de diagnósticos.

Em especial, o TDAH está ligado a um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, com duração de pelo menos seis meses para a realização do diagnóstico. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2013), para o diagnóstico de TDAH, não há marcador biológico, sendo o mesmo realizado apenas por observação clínica, e para o mesmo ser realizado, é necessário que haja manifestações do transtorno em mais de um ambiente (casa, escola, trabalho); a prevalência é que o TDAH ocorra na maioria das culturas em cerca de 5% das crianças.

Para o diagnóstico é necessário a criança apresentar ao menos seis sintomas de desatenção ou hiperatividade/impulsividade. Além disso, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2013), é preciso que estes sintomas estejam em um grau que é inconsistente com o nível do desenvolvimento e ter impacto negativo nas atividades sociais e acadêmicas. Entre os sintomas de desatenção, de acordo com o mesmo material, estão:

frequente dificuldade para organizar tarefas e atividades, dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas, dificuldade em escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente, em seguir instruções até o fim e não conseguir terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho, organizar tarefas e atividades, facilidade de distração por estímulos externos, não prestar atenção em detalhes ou cometer erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades, entre outros.

Já os sintomas de hiperatividade-impulsividade envolvem, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2013), remexer frequentemente ou batucar as mãos ou os pés ou se contorcer na cadeira, levantar da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado, subir nas coisas em situações em que isso é inapropriado, deixar escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída, incapacidade de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente, dificuldade em esperar sua vez, entre outros.

A fim de auxiliar a identificar os sintomas presentes no TDAH, foi criado um instrumento a partir dos sintomas do Manual de Diagnóstico e Estatística, quarta edição (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiatria, que é o SNAP-IV. Esse instrumento traz os sintomas de desatenção, hiperatividade/impulsividade e a frequência em que ocorrem, podendo ser classificadas em: nem um pouco, só um pouco, bastante ou demais. Para Silva & Modl (2017), a identificação das frequências utilizadas no referido instrumento é algo muito subjetivo e, portanto, sujeito a erros de interpretação.

Martinhago (2018) chama atenção para o modo como é realizado o diagnóstico do transtorno, já que por ser apenas clínico, pode haver erros e um aumento no número de falsos-

positivos. Desse modo, as pesquisas buscam dispor de exames mais precisos, como por exemplo, por meio de neuroimagens. Miranda, Muszkat & de Mello (2013) e Seidman et al. (2006) observaram imagens volumétricas baseadas em ressonância magnética (MRI), que indicavam reduções significativas nas regiões do cérebro com TDAH, embora sem consenso no que se refere à região cerebral com TDAH. Já Makris et al. (2008) observaram mudanças na espessura cortical, relacionando o transtorno à déficits em regiões cerebrais vitais associadas ao controle cognitivo, atenção, função executiva e função de motivação e/ou recompensa.

Além das pesquisas que buscam compreender a causa do TDAH e/ou evidenciam seus sintomas como fatores limitantes, têm-se estudos que focam em encontrar seu aspecto positivo. Os estudos de Boot, Nevicka & Baas (2017, 2020), trazem uma relação entre o transtorno em questão e o processo criativo. Isso se dá devido aos pensamentos divergentes, que possibilitam uma ação mais original frente a problemas complexos quando comparado a uma pessoa sem o diagnóstico, porém são ações menos práticas. Sendo essas relações motivadas principalmente por sintomas de hiperatividade e impulsividade, em vez de desatenção.

O estudo de Hernandez & Selva (2016), também se preocupou em compreender o processo criativo relacionado aos sintomas, porém atenta-se apenas para pessoas com o diagnóstico, comparando a diferença entre elas e a presença ou não do uso medicamentoso. Nesse sentido, encontrou-se que as pontuações em um teste de criatividade são iguais ou superiores para crianças com o transtorno quando não medicadas, como quando são

medicadas. Porém, uma diferença foi encontrada, onde crianças que fazem o uso da medicação têm um quadro mais limitado no número de respostas, tal como na originalidade.

Além do processo criativo, Miranda et. al. (2013) traz que, estudos com crianças diagnosticadas revelam que elas têm uma inteligência normal ou até acima da média, mas que mesmo assim apresentam déficit escolar e dificuldades de socialização ou de adaptação. Os autores apontam que, provavelmente, isso se dá devido às dificuldades com a atenção seletiva, considerando que com frequência desviam a atenção da tarefa antes de concluí-la e são excessivamente ativas.

Cosenza & Guerra (2011) evidenciam que, a atenção por um longo período de tempo exige a ativação de circuitos neurais específicos e que, a tendência em longo prazo, é que o foco atencional seja desviado por outros estímulos do ambiente. Por conta disso, destacam a importância das pausas para descanso, como relaxamento ou organização de períodos de tempo. De acordo com os autores, conteúdos não contextualizados e pouco significativos para o aluno, também interferem no processo de aprendizagem.

Dalgalarondo (2018), menciona que, crianças diagnosticadas, apresentam prejuízo com a filtragem de estímulos irrelevantes à tarefa, não sabendo afirmar se a filtragem atencional é ou não o principal problema. Para Cosenza & Guerra (2011), há casos que o funcionamento cerebral do indivíduo não funciona da mesma maneira que nos demais, necessitando de estratégias pedagógicas diferenciadas ao longo do processo de aprendizagem, entrando o TDAH nesse aspecto. A complexidade de variáveis que podem estar presentes no diagnóstico mostra a necessidade de que seja realizado por uma equipe multiprofissional, uma vez que exames laboratoriais, eletroencefalográficos ou de neuroimagem demonstram ser insuficientes.

De acordo com Meira (2012), tanto a descrição atual do transtorno quanto o tipo de sintomas que sustentam o seu diagnóstico, se não forem fundamentados por uma análise crítica acerca dos fenômenos na educação e do contexto histórico-social que a determina, correm o risco de fazer com que muitas crianças sejam apresentadas como pessoas com dificuldades de aprendizagem, mesmo que muitas vezes não tenham.

1.2 Psicologia Analítica: desenvolvimento psíquico e conceitos básicos

Qualquer tentativa de olhar o fenômeno do TDAH limitando-o ao corpo ou aos aspectos cognitivos ou a afetividade do sujeito, corre o risco de ser parcial, insuficiente e trazer pouco conforto ao sujeito que tem na expressão de seus sintomas, um rótulo ou carimbo que o identifica. Longe da presunção de se ter uma abordagem ampla, capaz de abarcar toda a complexidade da psique, é importante trazer à luz novos olhares, que vão além da perspectiva patológica. Nesse sentido, acredita-se que a temática possa ser ampliada pelo enfoque da Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung, uma vez que se trata da teoria que fundamenta o Jogo de Areia.

A Psicologia Analítica se fundamenta na ideia de que no inconsciente há todo o material psíquico, que se encontra abaixo do limiar da consciência. Segundo Jung, a definição de inconsciente abarca

a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência. Podemos classificar adequadamente os conteúdos psíquicos como subliminares, na suposição de que todo conteúdo psíquico deve possuir um certo valor energético que o capacita a se tornar consciente. Quanto mais baixo é o valor de um conteúdo consciente, tanto mais facilmente ele desaparece sob o limiar. (Jung, 2015/1971, p.76)

Jung postulou que há na psique, o inconsciente pessoal e também o inconsciente coletivo. O primeiro compreende conteúdos formados a partir de experiências individuais, sendo essas, de acordo com Stein (2006), internalizações e experiências traumáticas, responsáveis por formar os complexos e as subpersonalidades. Já o segundo, de acordo com o

mesmo autor, trata-se de uma camada mais profunda da psique humana, possuidora de uma combinação de padrões universais sendo esses os arquétipos.

Jung (2014/1976) diz que o arquétipo pode ser entendido como uma “possibilidade dada a priori”, que advém de determinadas formas na psique presentes independentemente do espaço e tempo. Segundo o autor, a forma de conscientização e percepção dos arquétipos é alterada de acordo com a consciência individual em que se manifesta. Assim, Jung (2013a/1971) defende o arquétipo não como uma ideia herdada, mas sim como um modo de funcionamento psíquico herdado.

Neumann (1995/1980) esclarece que, ao falar de Psicologia Analítica e desenvolvimento da personalidade, deve-se considerar que primeiro vem o inconsciente, para depois vir a consciência. O autor considera os primeiros anos de vida como sendo de extrema importância para o desenvolvimento psíquico da criança, pois é nesse momento em que se experimenta a relação primal mãe-filho.

De acordo com Turner (2005), essa relação é responsável por determinar a qualidade das formas de relacionamentos futuros com outras pessoas, coisas e eventos. O desenvolvimento da autoconfiança também advém da relação primal. Isso porque, de acordo com Neumann (1995/1980), a mãe pode atuar mediando as experiências dolorosas internas e externas do bebê, criando um vínculo de confiança, facilitando a capacidade da criança tolerar dor e dificuldades. Em resumo, alimenta-o quando sente fome, cobre-o quando sente frio etc.

Nesse momento não existe Ego, a criança vivencia o mundo por meio da *participation mystique*, termo de Levy-Bruhl adotado por Jung, cujo significado é a ocorrência de uma

relação passiva entre a criança e o objeto. Essa, de acordo com Stein (2006), é a identificação entre a consciência do indivíduo e do mundo que está ao seu redor, sem que haja conhecimento de que se encontra nesse estado. De acordo com Jung (2013b/1971),

[...] o Ego é apenas o centro do meu campo de consciência, ele não é idêntico à totalidade da minha psique, é apenas um complexo entre outros complexos. Por isso discrimino entre o ego e o Self, já que o ego é apenas o sujeito da minha consciência, enquanto o self é o sujeito da minha totalidade; por isso, ele também inclui o ego. (Jung, 2013b/1971, p.540)

O Ego é, portanto, o centro da consciência que surge a partir do Self. Neumann (1995/1980) postula que, o Self existe antes mesmo do desenvolvimento e se desdobra ao longa da vida em interação com o meio ambiente. De acordo com o autor, na unidade mãe-filho, por meio da *Participation Mystique*, a criança vivencia uma unificação inconsciente e corporal com a mãe. A mãe detém nesse momento o arquétipo do Self, fazendo com que a criança experiencie uma percepção da realidade como um todo ordenado devido aos cuidados e presença da mãe. Experimentando, de acordo com Turner (2005), os mundos internos e externos como inteiros e completos.

Para explicar essa fase, Neumann (1995/1980) utiliza o símbolo da mitologia grega conhecido como Uroboros, a serpente que engole a própria cauda, para exemplificar a inexistência de opostos dentro da realidade psíquica. De acordo com Stein (2006),

No começo da vida, a personalidade é uma simples unidade indiferenciada. Amorfa e mais potencial do que real, ela constitui um todo. Iniciado o processo de desenvolvimento, essa totalidade diferencia-se e separa-se em várias partes. Nasce a consciência do ego e, ao crescer, deixa para trás boa parte da totalidade de si mesmo no que é agora o "inconsciente". (Stein, 2006, p.98)

De acordo com Turner (2005), a relação primal dura até o final do primeiro ano de vida, havendo a separação da psique da criança após esse período. Segundo Neumann

(1995/1980), nesse momento a criança começa a ter um desejo de explorar o mundo, vivenciando então oposições que antes não eram possíveis devido ao estado urobórico no qual se encontrava. Passa a ser possível reconhecer pequenas polaridades como bom e mau, quente ou frio, claro ou escuro, tendo uma expansão dessas oposições conforme ela amadurece.

Turner (2005) traz que, devido à experiência de inteireza que a criança vivencia com a mãe em relação a amor e segurança, com aproximadamente três anos de idade, há uma separação entre o Self da mãe e o da criança, surgindo a centroversão (Neumann 1995/1980). A criança passa a deter uma psique autônoma guiada e dirigida pelo Self. Nesse momento, é possível a criança iniciar o desenvolvimento do ego. Em resumo, de acordo com o autor,

A independência da criança enquanto ego e indivíduo começa ao fim mesmo da fase embrionária pós-uterina e coincide com a sua emergência para fora dos confins estreitos da relação primal. A criança então se torna aberta para outras relações, torna-se um ego apto para o confronto com um "tu " tanto interna como externamente. Só aí, com a dissolução parcial da *participation mystique* entre filho e mãe, a criança deixa de ser apenas um Self Corporal e transforma-se em uma totalidade individual, detentora de um Self completo e aberta para relacionamentos. (Neumann, 1995/1980, p. 17)

O autor traça uma linha que ele nomeia de eixo ego-self. Para entendê-la, é importante lembrar que, no início do desenvolvimento psíquico, o ego estava contido no self, emergindo dele durante a primeira metade da vida. De acordo com Jung (2013c/1972), a criança com seis anos de idade (faixa etária dos participantes dessa pesquisa), apesar de já ter iniciado o desenvolvimento do Ego, ainda está muito suscetível ao inconsciente dos pais e é influenciada pelo inconsciente dos adultos ao seu redor, vivenciando um relacionamento dependente.

Saiani (2002) aponta que, a escola entra como um ambiente importante na vida da criança, sendo o local responsável por promover um “rompimento de cordão umbilical

simbólico” (p.19). Jung (2013c/1972) acredita que, no âmbito da educação, o objetivo da escola, e, conseqüentemente, do professor, não é apenas promover uma quantidade específica de conhecimento, mas também contribuir para o desenvolvimento da personalidade da criança. Para o autor,

O educador não pode contentar-se em ser o portador da cultura apenas de modo passivo, mas deve também desenvolver ativamente a cultura, e isto por meio da educação de si próprio. Sua cultura não deve jamais estacionar, pois de outro modo começará a corrigir nas crianças os defeitos que não corrigiu em si mesmo. (Jung, 2013c/1972, p.67)

A escola é um dos primeiros locais onde a criança começa a experimentar uma vida longe de sua família, havendo a necessidade de ser cuidada pelo professor, considerando as suas necessidades e, minimizando as possibilidades de ocorrências de situações negativas, capazes de engendrarem complexos. Os complexos pertencem ao inconsciente pessoal e contém energia própria. De acordo com Stein (2006), por possuírem natureza inconsciente emocionalmente carregada, quando emergem ou estão prestes a emergir, são entendidos pela consciência como uma perturbação, gerando o medo da perda de controle pelo Ego. Nesse momento de emersão, diz-se ocorrer a constelação do complexo. Sua autonomia causa temor ao Ego porque,

Quando um complexo está constelado, a pessoa é ameaçada com a perda de controle sobre suas emoções e, em certa medida, também sobre o seu comportamento. Ela reage irracionalmente e, com frequência, lamenta-o, arrepende-se ou pensa melhor sobre o que fazer na próxima oportunidade. (Stein, 2006, p.54)

Quando constelado, o complexo parece ter o controle do indivíduo, fazendo-o comportar-se de uma mesma determinada maneira, considerada pela pessoa como inadequada, toda vez que certa situação de desconforto aconteça. Além dessas situações

traumáticas, a criança, ao longo de seu desenvolvimento da personalidade, precisa aprender a lidar com as demandas culturais externas.

Para Neumann (1995/1980), essas demandas começam desde o nascimento da criança através do inconsciente familiar, sendo cada vez mais requisitada conforme a criança começa a frequentar outros ambientes extra lar. Essa adaptação cultural traz demandas internas e externas que entrarão em conflito com questões individuais e é necessário que o indivíduo aprenda a mantê-las em equilíbrio. Porém, quanto mais demarcadas forem as demandas do contexto cultural, maior será a tensão entre consciente e inconsciente, prejudicando sua subjetividade em benefício à adaptação cultural excessiva.

Para ocorrer essa adaptação ao contexto cultural desde a infância, criam-se personas para determinadas situações. Esse termo se refere à personalidade consciente apresentada. De acordo com Stein (2006), é a parte da personalidade voltada para fora, para o mundo social, e vai ao encontro das expectativas sociais. Porém, tal como foi dito no parágrafo anterior, é necessário que o indivíduo seja capaz de, ao longo de seu desenvolvimento psicológico, diferenciar seu ego de suas personas. Caso contrário, corre o risco de adoecer (Whitmont, 2014/1969), pois

O que a consciência do ego rejeita torna-se sombra; o que ela positivamente aceita, aquilo com que se identifica e absorve em si, torna-se parte integrante de si mesma e da persona. A sombra é caracterizada pelos traços e qualidades que são incompatíveis com o ego consciente e a persona. (Stein, 2006 , p.100)

Jung (2013d/1976) postula que, a sombra é considerada como um problema de ordem moral, não sendo bem-vinda conscientemente pelo indivíduo que a possui, tal como para a sociedade. Portanto, ressalta-se que a sombra não é necessariamente uma característica

negativa para o indivíduo, mas costuma ser evitada por ele por questões morais sociais, como por exemplo, emoções de raiva e tristeza. Por isso, é necessário o gasto de energia para que seja possível entrar em contato com os aspectos obscuros da personalidade. Fazer isso é indispensável para que o autoconhecimento ocorra. Quando não há essa procura pela integração da sombra, ela tende a aparecer, segundo Whitmont (2014/1969), por meio de projeções. De acordo com Jacobi (2016/1957),

A projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado. Quando algo é projetado, vemo-lo fora de nós, como se fizesse parte de outra pessoa e nada tivesse a ver conosco. A projeção é um mecanismo inconsciente. Não somos nós que decidimos projetar algo, isso acontece automaticamente. Se nós é que decidíssemos projetar alguma coisa teríamos consciência disso e então, justamente por termos consciência, ela não poderia ser projetada. Só são projetados conteúdos inconscientes; no momento em que uma coisa se torna consciente, cessa a projeção. (Jacobi, 2016/1957, p. 18)

Isso é, vê-se no outro aquilo que a própria personalidade reprimiu em benefício do Ego ideal. Pode-se entender, que na estrutura psíquica proposta por Jung, a sombra funciona como a responsável pela relação entre o inconsciente coletivo e o pessoal, enquanto a persona faz o papel da relação do mundo interno para o externo, já que

[...] a sombra é a porta de nossa individualidade. Uma vez que a sombra nos apresenta nossa primeira visão da parte inconsciente da nossa personalidade, ela representa o primeiro estágio para encontrar o Self. De fato, não há acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade a não ser através da sombra. Apenas quando reconhecemos aquelas parte de nós mesmos que ainda não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar as fontes em que ela se alimenta e a base em que repousa. (Whitmont, 2014/1969, p.148)

Reconhecer a sombra é reconhecer a personalidade como um todo. Quando há a compreensão de que o que é projetado faz parte do próprio indivíduo e não do outro, é possível haver elaboração para alcançar o autoconhecimento e permitir acesso ao inconsciente. Trata-se de um aspecto importante, pois a patologia ocorre quando é dificultado

um diálogo entre os conteúdos inconscientes e conscientes (Whitmont, 2014/1969), sendo a nossa cultura orientada pela lógica racional e voltada para o mundo exterior, negligenciando os aspectos emotivos e intuitivos do ser humano.

Esses aspectos emotivos e intuitivos, e negligenciados pela sociedade patriarcal em que vivemos, são tratados com estranheza e como sombrios. O problema é que são justamente esses aspectos que possibilitam o contato com o inconsciente. Como resultado, de acordo com Whitmont (2014/1969), encontram-se neuroses individuais, correndo o risco de sofrerem erupções explosivas, como vício em álcool, drogas e a necessidade de se estar sempre ocupado.

Quando se pensa nos comportamentos considerados como sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, descritos no início deste trabalho, como incapacidade de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente, ou deixar escapar com frequência uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída, é possível notar que trata-se de uma expectativa social comportamental que é exigida da criança, e quando não atendida, é considerada um transtorno.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (2013), o TDAH possui como características associadas: baixa tolerância à frustração, irritabilidade e labilidade do humor. Isso pode ser entendido como uma manifestação do desequilíbrio entre as demandas pessoais e culturais pelo indivíduo, como foi dito por Neumann e Whitmont anteriormente. Assim, traz-se a reflexão de Quintais (2011):

Propomos considerar o TDAH como fruto da tendência contemporânea hipermoderna ou da modernidade líquida e de extrair a identidade pessoal preferencialmente do

corpo e das orientações oferecidas pela biologia, ou seja, questionamos uma orientação que visa a considerar a hiperatividade como uma entidade “natural”, uma “entidade clínica” a-histórica e acultural, cuja verdade encontra-se repousada na bioquímica cerebral e acorrentada à genética da espécie (Quintais, 2011, p.154).

De acordo com o autor, o intuito não é questionar a existência do TDAH, mas sim considerá-lo como um transtorno construído, e não como algo que “existe a partir do preenchimento de critérios diagnósticos ou da observação do funcionamento cerebral (p.154)”.

1.3 Sandplay: local de expressividade para crianças com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção

O Jogo de Areia consiste na utilização de uma caixa, preenchida com areia, seca ou molhada, oferecendo um espaço seguro para que o indivíduo possa criar um cenário, utilizando as miniaturas disponíveis no local para tal fim. De acordo com Ammann (2004/1989), será criado no jogo de areia um cenário correspondente a exatamente aquilo que se constela no analisando de forma espontânea e esclarece que

no Jogo de areia realiza-se em pequeno espaço aquilo que o ser humano precisa fundamentalmente fazer, no caso transformar, ou seja, tornar real a energia amorfa do seu mundo imaginário interior por meio do mundo concreto, em nosso caso a areia, e transformar novamente essa criação concreta em imaginação interior. Essa imagem interna agora tem forma nova, é nova criação, pois a ideia, inicialmente amorfa, foi se transformando pela forma criativa individual levando em consideração o mundo concreto existente. Dessa forma o analisando cria, com a força da sua imaginação e por meio do cenário, seu mundo pessoal, participando ao mesmo tempo da contínua criação do mundo. (Ammann, 2004/1989, p. 76)

Esses cenários, de acordo com a mesma autora, funcionam como um jardim da alma, pois possibilitam uma união entre o universo interior e exterior, promovendo apreensão e observação da reciprocidade entre ambos. Assim, é possível ter mais clareza dos complexos ou conflitos psicológicos do mundo interior, pois uma vez que é colocado no concreto, pode provocar uma mudança na dinâmica do inconsciente. Segundo Weinrib (1993/1983), para essa relação ser mais harmoniosa entre inconsciente e consciente, uma das metas é utilizar o Sandplay de modo a “relativizar o Ego” para que esse ceda sua dominação ilusória.

Essa meta é importante porque, de acordo com Weinrib (1993/1983), a cura psicológica é um fenômeno emocional, que ocorre no nível matriarcal da consciência. Isto é, ao retomar as falar de Neumann (1995/1980) apresentadas anteriormente em relação ao

desenvolvimento do Ego, é possível perceber que no momento em que as percepções da criança são totalmente inconscientes, as experiências são femininas. Por esse motivo, o autor considera esse momento como tendo uma dimensão matriarcal do psiquismo. Turner (2005) menciona que há uma dimensão escura e de tonalidade afetiva. Já a dimensão patriarcal é adquirida posteriormente com o desenvolvimento do ego. Assim, de acordo com Neumann (1995/1980), esse modo de consciência matriarcal possui um processo semiconsciente e reflete os processos inconscientes.

Ainda segundo Neumann (1995/1980), o jogo de areia traz consigo a ideia de que há nas profundezas do inconsciente, uma tendência autônoma para a psique se curar sozinha, desde que haja condições adequadas. Para tanto, fornece um recipiente limitante capaz de transformar a fantasia, em energia focalizada e criativa, levando a uma conscientização sobre si, capaz de provocar mudanças em sua psique. Por cura entende-se que o funcionamento natural do indivíduo foi estabelecido, ou seja, ocorreu uma autorregulação.

Segundo Weinrib, (1993/1983), não só o toque da areia, mas também o recipiente físico limitante remete às questões maternas, funcionando como um útero, seguro e protegido, proporcionando uma regressão criativa que permite a cura. Dessa forma, funciona muito bem aos adultos e crianças que sofrem de distúrbios da primeira infância, pois leva a pessoa de maneira não-verbal de volta às camadas mais profundas da psique da primeira infância (Ammann 2004/1989). Assim,

Brincar com a areia seca é benéfico, lembrando não só as brincadeiras da infância, mas talvez também os toques carinhosos da mãe ou de outra pessoa querida, que podem trazer sensações de felicidade. Por outro lado, há pessoas em que o toque da areia evoca grande tristeza, pela conscientização da necessidade de carinho, de serem acariciadas. O contato corporal íntimo entre mãe e filho tem papel muito importante

não só para o bem-estar e crescimento da criança na primeira infância, mas também na vida posterior as pessoas anseiam proximidade física e toques carinhosos. (Ammann, 2004/1989, p.51)

De acordo com Weinrib (1993/1983), a meta é fornecer dentro desse espaço uterino simbólico uma revivência emocional da unidade urobórica mãe-filho relatada anteriormente. Podendo o Self ser constelado nesse espaço seguro, potencializando a criatividade e renovação, possibilitando a ocorrência da cura da ferida psicológica. Ou seja, essa constelação, manifestação do Self, possibilita ao analisando vivenciar novamente o processo de centroversão através do jogo de areia.

Cruz e Fialho (1998) acreditam que, o jogo de areia permite ao paciente entrar em contato com as suas emoções e fantasias, ao invés de reprimi-las. Oferece também a oportunidade de agir, de forma segura, um impulso interno mesmo que este represente necessidades consideradas conscientemente como inaceitáveis, como no caso das cenas de destruição. Dessa forma, ao oferecer um espaço seguro para a demonstração dessas emoções reprimidas, o Sandplay possibilita à personalidade consciente, meios para lidar com seus conflitos, desenvolvendo-se e promovendo um equilíbrio entre as demandas externas e internas do indivíduo.

Os sentimentos e emoções também são expressos e sentidos pelo corpo, esse que é tão abandonado na escola, análise ou terapia. De acordo com Ammann (2004, 1989), o Sandplay o coloca constantemente em ação, uma vez que, o que é valorizado em primeira instância não é a linguagem verbal, mas sim a corporal, especialmente das mãos, sendo elas as responsáveis

pela interlocução interno/externo através da confecção do cenário. Permitindo um diálogo corpo-psique, corpo e espírito.

Vale esclarecer que, no TDAH o corpo está ligado diretamente a uma suposta hiperatividade, e os tratamentos voltados a esse transtorno trazem consigo uma repressão desses comportamentos tidos como inadequados. Tendo isso em mente,

Através do trabalho manual criativo na caixa de areia é ativado e posto em movimento não só o corpo do analisando, mas também frequentemente o estado físico do analisando se torna nitidamente visível através dos cenários, o que não acontece na mesma medida na análise dos sonhos. O analista também se movimenta mais no espaço do consultório com esse método, o que contribui bastante para o seu estado físico. (Ammann, 2004/1989, p. 16)

Assim, o Sandplay pode trazer o benefício do indivíduo vivenciar novas experiências a partir desse corpo, canalizando a energia psíquica normalmente reprimida, para as mãos durante a confecção dos cenários, o que pressupõe uma estruturação do seu mundo interior. Portanto, o jogo de areia é pensado neste trabalho como uma possibilidade de crianças com os sintomas de hiperatividade, desatenção e/ou agitação poderem se expressar em um local seguro, sem sentirem-se julgadas ou reprimidas por seus comportamentos.

Capítulo 2 Método

2.1 Participantes

Participam da pesquisa seis crianças, com idades de quatro a seis anos, seus responsáveis e professores. Essas crianças foram selecionadas em uma Instituição de Educação Infantil na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

2.2 Procedimento

O projeto de pesquisa do estudo ora relatado foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa tendo sido aprovado pelo CAAE nº 36641320.0.0000.5152. Para a seleção dos participantes, a pesquisa foi divulgada na instituição escolar entre os responsáveis das crianças e aqueles que se interessaram, entraram em contato com a pesquisadora para realizar entrevistas. Nesse momento, foram discutidos os sinais de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção. Além disso, foi aplicado o questionário SNAP-IV e também realizada uma entrevista com os professores responsáveis, conforme sugere Silva (2018). Para as famílias e crianças que se disponibilizaram a participar da pesquisa foi apresentado, antes de se iniciar a entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após assinarem os termos, os responsáveis da criança passaram por uma entrevista semiestruturada, uma anamnese, a fim de conhecer melhor a história da família, da criança e do início do aparecimento dos sintomas e como os responsáveis os enxergam e entendem. As professoras também foram entrevistadas, para uma compreensão mais ampliada do relacionamento dos mesmos com as crianças e para a identificação dos comportamentos usuais das crianças no ambiente escolar. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

A pesquisa foi realizada em contexto pandêmico, devido a COVID-19, onde as crianças estavam sob isolamento social intenso, com aulas remotas configurando um período altamente ansiogênico, exacerbado pela sensação de incertezas quanto ao futuro, adicionados à angústia e medo vivenciados pela humanidade em escala planetária. Nesse sentido, o

aparecimento da sintomatologia de hiperatividade, de desatenção entre outras, deve ser considerado.

Os encontros da pesquisadora com as crianças foram semanais, com duração média de 50 minutos. Durante os atendimentos, a pesquisadora participou com uma escuta cuidadosa e empática. Após cada encontro a caixa foi fotografada e desfeita pela pesquisadora após a saída da criança da sala.

O Sandplay consiste em uma caixa retangular com dimensões de 72 x 50 x 7,5 cm e com areia até a metade, onde o indivíduo pode criar cenários e narrativas, utilizando-se de diversos tipos de miniaturas dispostas para tal fim. Antes de iniciar as confecções dos cenários, a pesquisadora fez alguns combinados com as crianças, sendo eles: tempo de duração da sessão (50 minutos); informar que são dez sessões; ressaltar o cuidado que devem ter ao manusear as miniaturas; os cuidados com a areia, não podendo jogá-la para fora da caixa; ressaltar que é um espaço onde se pode criar o que quiser, não existindo certo ou errado na criação do cenário.

As crianças ficaram livres para criar os próprios cenários e narrativas, sendo que a pesquisadora só participou das confecções quando foi convidada. Ao final de cada sessão, quando necessário, os participantes eram questionados acerca das narrativas e funcionalidade de alguma miniatura utilizada.

No final da pesquisa foram realizadas entrevistas novamente tanto com os responsáveis da criança, quanto com as professoras, além de uma nova aplicação do questionário SNAP-IV, na procura de avaliar o processo e identificar se houve alterações na sintomatologia inicial apresentada pelas crianças participantes.

2.3 Instrumentos

Para o uso do Sandplay foram utilizados:

- a) uma caixa retangular com dimensões de 72 x 50 x 7,5 cm e com areia até a metade. A

areia estava esterilizada. A parte interna das caixas é de cor azul, imitando a cor da água de um mar, rio e lagoa. Estava previsto o uso de areia seca e molhada, porém, devido a imprevistos, foi necessário abandonar a areia molhada, mantendo apenas a areia seca. Essa mudança não impactou negativamente no trabalho.

- b) máquina fotográfica, para a realização de fotografias dos cenários em diversos ângulos, primeiro voltada para a posição da criança, segundo para a posição da pesquisadora. Essas imagens foram registradas a fim de propiciar elementos para a análise da evolução cronológica dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças.
- c) miniaturas que foram utilizadas ao longo das sessões. Podendo elas ser realistas como figuras de humanos, animais e objetos da natureza como árvores; figuras fantásticas como figuras folclóricas, extraterrestres; assim como figuras relacionadas ao aspecto religioso, como imagens de santos, Budah; meios de transporte ou transição, como pontes, carros, barcos. Essas miniaturas estavam esterilizadas e expostas em uma estante aberta, que permite à criança ter acesso visual e físico, acessando de maneira fácil para dispô-las na caixa da maneira que quiser.

2.4 Análise de Dados

Os dados oriundos das entrevistas gravadas foram transcritos, a fim de possibilitar a análise de conteúdo. Os resultados foram analisados à luz da bibliografia da área em conjunto com os dados obtidos nas entrevistas com os responsáveis e professores.

Capítulo 3 Resultados

A pesquisa em questão foi realizada em um contexto pandêmico devido à COVID-19. Por conta disso, houve um atraso em seu início, estava prevista para começar no início de 2020, porém, devido às circunstâncias, só foi possível iniciá-la em setembro de 2021. Por conta desse contexto, todos os participantes estavam tendo aulas de forma remota. As aulas funcionavam da seguinte maneira:

- a) Duas vezes por semana, no período de uma hora por aula, as crianças tinham atividades com as professoras responsáveis.
- b) Uma vez por semana, 30 minutos com um dos especialistas, podendo ser eles: psicólogo escolar, professor de educação física, brinquedoteca ou momento cultural.
- c) Ao longo da semana, era proposta pela escola atividades para as famílias realizarem em casa com as crianças, sendo estas posteriormente discutidas em sala, tal como compartilhada com os colegas.

É importante ressaltar que os participantes da pesquisa são crianças cujo espaços de convivência se resumiram a apenas seus respectivos núcleos familiares há mais de um ano. Tendo pouco contato com outras crianças, sendo em sua maioria, apenas através das telas digitais nos momentos de aula.

Esse capítulo será dividido em três blocos, sendo eles:

Bloco I: Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com os responsáveis antes das sessões de sandplay; perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras antes da aplicação da técnica; resultados do SNAP-IV antes das sessões de Sandplay.

Bloco II: Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com responsáveis após as sessões de Sandplay; Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras

após aplicação da técnica; Comparação dos resultados obtidos pelo questionário SNAP-IV antes e após a aplicação da técnica.

Bloco III: Análise das de Sessões de Sandplay e suas respectivas narrativas

Participaram da pesquisa seis crianças, três do sexo feminino, todas com seis anos de idade, e três do sexo masculino, tendo uma delas quatro anos, uma com cinco e a outra com seis anos, oriundas de instituição de ensino pública. Todas fizeram as dez sessões de Sandplay previstas, sendo algumas sessões acompanhadas de outras atividades lúdicas, de acordo com a demanda da criança, tais como quebra-cabeça e dominó, a fim de facilitar o vínculo com a pesquisadora.

3.1 Bloco I

3.1.1 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com os responsáveis antes das sessões de Sandplay

Os nomes apresentados a seguir são fictícios e foram decididos pela pesquisadora. Isso foi feito com a finalidade de manter o sigilo e resguardar as crianças que participaram da pesquisa.

A entrevista inicial com os responsáveis trata-se de uma anamnese, onde buscou-se conhecer a história de vida da criança desde quando era gestada até o momento da pesquisa, tendo como foco principal os sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção. Cada entrevista teve uma duração média de 40 minutos, sendo gravada e posteriormente transcrita.

Nicole: trata-se de uma criança com seis anos de idade, filha única, que reside com os pais. Sua gestação foi muito desejada pelos pais, foi realizado pré-natal, porém, foi uma gravidez de alto risco, uma vez que sua mãe já sofrera abortos espontâneos antes, gerando muito medo no casal. Nasceu prematura com 34 semanas. Quando Nicole estava com aproximadamente dois anos, teve que fazer uma cirurgia nos ouvidos, estava com adenóide,

ficou um ano em tratamento, porém hoje escuta bem. Entrou na pré-escola com três anos de idade. Atualmente em sua rotina, além da escola, Nicole tem uma professora particular responsável por sua alfabetização e, concomitante ao início da pesquisa, começou a fazer natação duas vezes na semana. Em relação aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou agitação, os pais a descrevem como sendo uma criança com muita energia: “*a gente sai e ela não para, a gente tem que ficar chamando atenção dela*” e acrescentam “*ela sai andando, a gente fala: não pode, não mexe...*”. Os pais esperam que com sua participação na pesquisa seja possível compreender melhor as demandas da filha e que seja um meio dela ficar mais calma.

Giovana: Trata-se de uma criança de seis anos de idade que reside com os pais e irmãs. Sua gestação foi planejada, teve bronquite por volta de um ano de idade, porém, tomou a medicação e não apresentou mais sintomas. Começou a frequentar a escola com três anos de idade. A mãe traz que começou a perceber mudanças de comportamento após a pandemia. Conta que Giovana começou a apresentar dificuldades para dormir, momento em que os pais a levaram para fazer constelação familiar, o que acreditam tê-la ajudado bastante. Além dessa questão do sono, sentiram-na impaciente com as aulas, distraída, acreditam que seja por conta do tempo de tela. Seus pais esperam que a pesquisa os ajude a compreender melhor as demandas de Giovana, tal como seja um meio de auxiliar para que seu desenvolvimento ocorra da melhor forma possível.

Felipe: trata-se de uma criança com cinco anos de idade, que reside com seu pai e sua mãe. Sua gravidez foi planejada, a mãe realizou o pré-natal e o parto foi cesáreo. Felipe teve bronquite quando tinha 8 meses, cujos sintomas perduraram há até dois anos atrás, hoje está bem. Ingressou na pré-escola com um ano de idade e permaneceu na mesma escola até ingressar na Instituição de Ensino atual no início de 2021. Começou a fazer natação há pouco tempo, tendo aulas duas vezes por semana. Em relação aos sintomas, a mãe conta que de 2020

para cá, tem percebido ele mais desatento, principalmente quando vai assistir às aulas on-line. Conta que quando ia para escola no presencial era muito diferente: *“antes não tinha reclamação dele dos professores quando era presencial, ele era muito bonzinho [...] elas nunca reclamaram, ele sempre participava. Mas agora eu não sei, assim, se é o vídeo, porque ele assiste no meu celular a aula, não sei se é porque tá ali naquele quadradinho, e ele tem que ficar sentado ali assistindo...”*. Outra questão trazida, é em relação a agitação que percebem em Felipe, tanto em casa, quanto fora de casa, *“ele não para quieto”*, tendo a avó contado para a mãe: *“ele corre daqui para lá o tempo todo, aí ele corre, aí ele chega lá, ele pula no sofá, pula em mim...”* De acordo com a mãe de Felipe, por ele não parar quieto, às vezes fica incomodada e com medo de incomodar os outros. Os pais esperam que a pesquisa ajude-o a ficar mais calmo.

Manoel: Trata-se de uma criança com quatro anos de idade, que mora com os pais e irmã. Sua gestação foi planejada, sendo realizado pré-natal e o parto normal. De acordo com seu pai, Manuel *“foi agitado até na hora de nascer”*, uma vez que sua mãe mal chegou ao hospital e já estava em trabalho de parto, nascendo no caminho para a sala de parto. Não apresentou nenhuma doença infantil e começou a frequentar a pré-escola com três anos, sendo a Instituição de Ensino participante da pesquisa, sua segunda escola. O pai conta que Manoel, amava ir a escola e que sente muita falta dos amigos e dos professores de sua escola anterior. Em relação aos sintomas de desatenção, impulsividade e/ou hiperatividade, contam que os perceberam com o início da pandemia da COVID-19 em 2020. Os sintomas apontados pelos pais envolvem principalmente desatenção, como é dito pelo pai: *“o maior problema do Manoel é a concentração, mas ele é muito inteligente, muito inteligente mesmo”*. A agitação também é um sintoma que aparece ao conversar com os pais, de acordo com ambos, está presente tanto em casa quanto em outros locais. O pai traz um exemplo de quando saem de casa: *“a gente fala, fica quieto, aí ele fica quieto dois segundos, depois levanta um pouco e*

começa a pular, e correndo de um lado para o outro, chamando criança para conversar...”.

Em relação às expectativas quanto à pesquisa, os pais esperam que seja possível ajudá-lo a se concentrar mais, tal como ajudar a encontrar um meio de passar por esse período de pandemia com mais tranquilidade.

Nicolas: Trata-se de uma criança com cinco anos de idade, cujo os pais são separados, reside com a mãe, tendo pouco contato com o pai, pois ele mora no exterior. No momento, têm aumentado os encontros com o pai, pois este veio ao Brasil no início de 2021, porém, tem planos para ir embora no início de 2022. Sua gestação foi planejada, sendo realizado pré-natal e parto normal humanizado. Todavia, a mãe conta que foi uma gestação muito “*conturbada*”, uma vez que estava trabalhando muito e passando por dificuldades financeiras, não demorando muito para os pais se separarem após seu nascimento. Em relação aos sintomas de desatenção, hiperatividade e/ou desatenção, a mãe conta que começaram em 2020, após o início da pandemia. A desatenção é a que mais chama sua atenção, sente que ele se distrai muito com estímulos externos, tendo dificuldade em prestar atenção, tal como relata: “*por exemplo se tiver um lápis, ele pega o lápis, ele joga para lá, aí ele deixa lá, sai, ou quer se enfiar debaixo da mesa.*”. Em relação a impulsividade, a mãe traz que ele tem muita dificuldade em esperar sua vez, atravessando suas falas e a de outros adultos: “*Eu falo, olha, a gente tá falando, espera falar. Ou então tá conversando com alguém, e eu tô conversando com outra pessoa, e ele entra no meio, fica me chamando atenção, ou então quer inserir a fala dele no meio [...] até mesmo nas aulas online também. Às vezes o professor tá falando e ele quer falar junto, ao mesmo tempo*”. A mãe aponta que espera que a pesquisa possa ser um meio de conhecer melhor o filho, e saber lidar melhor com suas demandas, principalmente relacionada à concentração.

Lara: Trata-se de uma criança de seis anos de idade que reside com os pais e irmãs. Sua gestação foi planejada e não apresentou nenhuma doença infantil. Desde o início da

pandemia os pais têm sentido diferenças em seus comportamentos, contam que Lara tem ficado mais reclusa e demonstra-se impaciente em alguns momentos apresentando um “*grau de agressividade, ela fica querendo atenção, aí a gente já conversa com ela nesse sentido. Você tá com ciúmes, conta, tá triste, fala... né? a gente precisa saber, porque a gente não adivinha.*”. A mãe conta que muitas vezes Lara não quer assistir a aula on-line, mesmo dizendo por vezes que gosta muito das aulas. Contam que é necessário um processo para convencer ela a assistir às aulas, “*tem que ficar mostrando as opções pra ela. Às vezes ela até fica. Tem hora que eu tenho que ficar dando um papel pra ela, pra ela ficar rabiscando, pq ela tá cansada de prestar atenção na aula*”. Relatam também que é necessário ficar observando se ela está cumprindo todas as atividades, sentem uma agitação e distração quando assiste às aulas. Os pais acreditam que o Sandplay possa ser uma forma de Lara se expressar podendo ajudá-los a compreender melhor suas demandas.

3.1.2 perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras antes das sessões de Sandplay

Foi realizado um convite para os professores responsáveis pelas crianças participarem da pesquisa, a fim de ter uma visão ampliada acerca do fenômeno. Das professoras convidadas, apenas uma não nos respondeu, sendo ela a responsável pela turma da Nicole. Todas as outras aceitaram o convite. Na turma do Felipe e Manoel, houve uma troca de professoras ao longo do ano, sendo realizada a entrevista tanto com a primeira professora quanto com a segunda, que entrou duas semanas depois de termos iniciado as sessões de Sandplay.

Giovana: Sua professora teve a oportunidade de conhecê-la no presencial durante o primeiro mês de aula no início de 2020, antes do início da pandemia. Ela conta que Giovana falava pouco mas era participativa “*Ela sempre foi mais na dela, é assim... não é muito interação, é mais pela ocasião*”. Depois do início das aulas on-line notou que sua

participação aumentou, fez-se mais presente, porém, percebeu também uma certa distração, acredita que seja pelo tempo de tela. Conta que muitas vezes é necessário ficar chamando-a e nem sempre é respondida, e por vezes desliga a webcam. Apesar disso, quando a responde, traz que *“interage bem comigo, as falas dela, as respostas dela, sabe? São muito coerentes com o que a gente pergunta, conta história, sabe? Expressa oralmente”*. Adiciona que por vezes sai da aula para buscar alguma coisa, depois retorna e quer mudar de assunto.

Felipe: A primeira professora percebia uma agitação vindo de Felipe durante as aulas, conta que por vezes ele ligava o microfone enquanto ela estava falando, em geral para trazer assuntos que não condizem com aquilo que estava sendo discutido no momento. Conta *“muitas vezes a gente controlava o microfone, se não era a vez dele falar, então a gente desligava o microfone, falava, oh Felipe, vamos ouvir o outro coleguinha.. fulano levantou a mão primeiro, vamos esperar, peraí”*. Relata também que em muitos momentos sentia que a mãe não dava muita liberdade para Felipe se expressar ao longo da aula, sendo necessário marcar uma reunião com ela, onde foi acordado que mudassem o local onde ele assistiria às aulas, tal como a dinâmica da participação da mãe durante as aulas, deixando-o fazer as atividades da forma como ele conseguia. Após essa conversa, a professora conta: *“Melhorou um pouco, só que aquela mesma agitação, aquela mesma necessidade de falar, né, de movimentar, ainda continuou...”*. A professora traz uma preocupação em relação à Felipe, conta que no início, *“não queria falar, ficava de cabeça baixa, emburrava, e depois toda essa agitação...”*, também traz que era muito comum ele ficar perguntando quanto tempo faltava para a aula acabar.

A segunda professora o considera *“uma criança alegre, gosta de contar, muito espontânea, gosta de compartilhar todas as novidades”*. Quanto questiono a questão da agitação relatada pela professora anterior, ela traz que acredita que grande parte desse comportamento venha por conta do despreparo de material para as aulas. Conta que muitas

vezes a aula inicia e não há um ambiente organizado a sua volta para que possa prestar atenção nas atividades, tal como os adultos não deixam preparado os materiais necessários para sua realização. Sente que muito da sua distração vem desse ambiente. Também conta que Felipe gosta muito de levantar para buscar coisas e mostrar para os colegas. Em sua visão, quando está com o material organizado, participa da aula, mostra suas atividades e demonstra-se interessado.

Manoel: A primeira professora conta “*eu vejo aquela agitação de criança mesmo, sabe? aquela necessidade de brincar, correr, pular..*”. Ela acredita que muito da distração que ele por vezes apresenta em aula venha do local onde ele assiste às aulas, por ser no quintal, espaço chamativo. Apesar disso, conta que Manoel é muito participativo, respondendo as perguntas com coerência. Não sabe dizer se essa participação vem de uma forma natural, pois a irmã mais velha (11 anos) acompanha-o nas aulas. A professora percebe que ela faz muitas intervenções para que ele mantenha o foco na aula, conta que por vezes, os vê discutindo por meio da webcam. De acordo com a professora, Manoel gostava muito de interagir com ela e os colegas.

A segunda professora traz que Manoel é uma criança muito assídua no horário, pontuando a importância que sua irmã tem em relação a sua participação e organização nas aulas. A única característica que traz de Manoel relacionada aos sintomas abordados na pesquisa é a agitação, conta que “*É uma criança que fica um pouquinho agitada quando não é uma atividade mais prática, se eu vou contar, compartilhar os combinados, esses momentos, partilhar com as crianças o que eles estão fazendo, aí ele as vezes faz outras coisas, fica envolvido com outras coisas, olha pra lá, olha pra cá, que é a questão da tela mesmo. Mas quando é pra fazer atividade né, pegar no lápis, colocar a mão mesmo, né, aí eu já vejo que ele tem mais interesse*”. Apesar disso, não deixa de fazer as atividades e compartilhar suas opiniões com a turma.

Nicolas: A professora o vê como “*uma criança séria*”, e acrescenta “*eu acho que eu nunca vi ele levantando igual às outras crianças, pulando e cantando, e fazendo as outras coisas, ele canta e tal, às vezes faz alguma coisa, brinca, mas fica mais observando assim sabe?*”. Quando conversou com a mãe de Nicolas, ela disse que talvez pudesse ser uma questão de timidez. A única questão relacionada aos sintomas seria uma certa desatenção, muitas vezes deixando microfone ligado enquanto canta, ou sendo necessário chamá-lo para participar da aula, “*mas ele tem uma participação bacana, tem essa questão da dispersão né, não sei se caracteriza tão fortemente como dispersão, mas acredito que um pouquinho né, por ta ali cantando e tudo mais. Às vezes também acontece dele, é... não diria mudar o assunto, mas a gente tá falando sobre uma determinada coisa, e ele conta uma outra história, sabe?*”. A professora também relata que sua fala quase sempre é muito acelerada, que por vezes ele pede para falar e quando chega a sua vez, fica em silêncio.

Lara: A professora a vê como uma criança que muitas vezes se dispersa ao longo da aula. Ela traz que é necessário ficar convidando “*para ela falar, para ela sentar, para ficar olhando para nós, participar*”, e acrescenta dizendo que sente que ela “*tem um potencial que ela não usa, né? Que realmente essa questão da dispersão, uma fala infantilizada, muito dependente da família*”. Acredita que grande parte de sua dispersão esteja relacionada ao local onde ela assiste às aulas, ficando deitada “*como se estivesse jogada no sofá*”, saindo por vezes para ver o que as irmãs estão fazendo. Conta que quando é sua hora participar, nem sempre aceita falar alguma coisa e que já aconteceu de outras crianças começarem a partilhar suas experiências e ela sumir da aula. Também traz que quando tem alguma atividade que ela não gostou ou não está conseguindo concluir, não pede e tem dificuldade em aceitar ajuda, muitas vezes saindo da aula. Apesar disso, conta que recebe todas as suas tarefinhas, sendo elas bem feitas e que a família sempre demonstra-se muito presente.

3.2 Bloco II

3.2.1 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com responsáveis após as sessões de Sandplay

Neste subcapítulo serão apresentados os resultados obtidos por meio da entrevista final realizada com os responsáveis. Nela buscou-se verificar a eficácia do Sandplay em relação a frequência dos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção. Pode-se ter acesso ao roteiro da entrevista semiestruturada realizada no “Apêndice C”.

Nicole: As mudanças relacionadas aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção em Nicole, foram sentidas pelos pais, principalmente nos dias das sessões de Sandplay. De acordo com ambos, após as sessões, sentiam-na mais tranquila, mais calma. Acrescentam que após a finalização da pesquisa, tem sentido Nicole mais focada, mais atenta. Contam que Nicole não gosta das aulas on-line, mas que ultimamente tem aceitado melhor, ficando nas aulas até o final e tomando cuidado com relação ao microfone e câmera. A mãe acredita que essa tranquilidade também está atrelada a liberdade que tem dado à filha durante as aulas, pois antes sentia a necessidade de ficar ao seu lado, cobrando que ela participasse. Apesar de sentirem que Nicole está mais calma, relatam que ainda percebem-na agitada e estressada. A mãe acredita que o estresse na verdade não é de Nicole, mas sim da família, pois ambos os pais estão muito cansados e acreditam que isso tem afetado a filha.

Giovana: Sob a ótica dos pais, Giovana está “bem mais tranquilinha”, sentem que sua distração diminuiu muito e que ela tem prestado mais atenção nas aulas, sendo mais participativa e comunicativa. Comentam que antes da pesquisa, precisavam ficar ao lado da filha para convencê-la a assistir às aulas e que frequentemente demonstrava dificuldades para finalizar as atividades. Atualmente, apesar de estar cansada com as aulas on-line, as assiste do início ao fim, tal como as atividades. Outro aspecto interessante é que Giovana parece estar mais criativa, principalmente em relação a brincadeiras. Acrescentam que antes não se

relacionava com os colegas, mas que agora já está mais próxima de algumas crianças e sabendo o nome dos colegas.

Felipe: Os pais não perceberam mudanças nos comportamentos de Felipe relacionados aos sintomas pesquisados. Contam que ele continua muito atento, porém, que sua agitação permanece, ainda com muita energia para gastar. O pai acredita que é por conta do impacto da COVID-19, uma vez que Felipe não tem tido contato com outras crianças, tendo apenas o pai para brincar, o que o limita, pois só pode ficar com o filho depois do trabalho. Apesar disso, conta que tem tentado passar mais tempo com Felipe. Em relação ao seu comportamento em sala de aula, a mãe percebeu uma mudança, tem sentido Felipe mais participativo, acredita que seja porque tem dado mais espaço para o filho no momento da aula, deixando-o livre para falar quando quer, tal como ter o controle da webcam e do microfone.

Manoel: Foram muitas as mudanças percebidas pelos pais de Manoel, contam que ele está mais obediente, mais calmo e querendo passar mais tempo com a família. Tem ficado mais tranquilo para assistir as aulas e para finalizar as atividades. Relatam que compraram uma cama elástica e que constantemente são convidados pelo filho para brincar e passar tempo com ele. Sentem que ele está mais tranquilo para conversar, respeitando a vez do outro de falar, sem ficar interrompendo as conversas. Relatam que sua agitação diminuiu: “...*hoje a gente sai com ele pros lugares, tranquilos assim, porque a gente sabe que ele vai ficar quieto. Antes, a gente pensava duas vezes antes de ir pra outro lugar. Quando tinha multidão ele soltava da mão. Agora, você pode ficar tranquilo que ele fica do lado*”. Acrescentam que ele está mais atento e organizado com suas coisas, sabendo onde e quando guardou, e que até seu quarto tem demonstrado interesse em arrumar.

Nicolas: A mãe conta que Nicolas tem se demonstrado mais atento nas aulas on-line, apesar de não gostar do formato. Traz que antes da pesquisa era muito comum ele ficar levantando a mão para perguntar se a aula já estava acabando, comportamento que não tem

acontecido mais. No início da pesquisa, a mãe trouxe que Nicolas apresentava uma fala muito acelerada, mas que atualmente tem apresentado uma fala mais pausada. Conta que percebeu que houve um amadurecimento, demonstrando-se mais perceptivo em relação às coisas ao seu redor, tal como nas falas da mãe. Antes da pesquisa era comum conversar com ele e não ser respondida, mas atualmente tem o sentido mais atento. Apesar das melhorias em relação aos sintomas, a mãe traz que o pai de Nicolas pretende se mudar em breve, o que tem impactado muito Nicolas, deixando-o ansioso.

Lara: De acordo com os pais, Lara tem demonstrado menos distração, prestando mais atenção nas aulas e conseguindo finalizar as atividades escolares. Sentem que seu desempenho acadêmico melhorou muito e que tem se demonstrado mais criativa, principalmente nos desenhos. Contam que Lara está mais tranquila nas aulas. Antes da pesquisa, ficava muito preocupada em auxiliar a professora em relação às outras crianças, prestando atenção em quem precisava de ajuda ou em quem não estava fazendo e acabava se prejudicando com isso, pois deixava de fazer sua própria atividade. Relatam que atualmente, demonstra-se mais focada em suas atividades e que procura ajudar os colegas apenas quando finaliza.

3.2.2 Perfil dos participantes de acordo com a entrevista com as professoras após as sessões de Sandplay

A pesquisadora entrou em contato com as professoras responsáveis novamente para verificar se houve, a partir da percepção dessas, mudanças nos comportamentos relacionados aos sintomas nas crianças que participaram da pesquisa. Todas as professoras responderam e concordaram em conversar novamente, com exceção da professora de Nicole. O roteiro da entrevista semiestruturada encontra-se no “Apêndice F”.

Giovana: De acordo com a docente, a participação de Giovana nos últimos meses foi um pouco preocupante, principalmente no que tange às responsabilidades dos pais. Relata não

ter recebido as atividades, o que não é comum da família, tal como as faltas de Giovana tiveram um aumento considerável, o que a preocupa. Conta que nas aulas a aluna tem demonstrado mais agitação, querendo falar em momentos inapropriados. Acredita que esse comportamento também seja um reflexo da família, uma vez que tem aparecido para as aulas sem o material pronto para as atividades. Apesar disso, conta que Giovana tem se colocado mais nas aulas, antes quase não falava, e que mesmo que esteja falando em momentos inapropriados, acredita que foi algo importante o aumento de sua participação. Acrescenta que Giovana tem gostado mais de desenhar, sentindo-a mais criativa, característica que antes não percebia.

Felipe: A docente menciona que Felipe parece estar mais participativo nas aulas. Conta que apesar de estar sempre com um brinquedo na mão e perguntando se a aula está acabando, tem demonstrado maior interesse nas aulas on-line. Acredita que isso tem acontecido devido à liberdade que a mãe passou a fornecer a Felipe nas últimas aulas, fazendo-o sentir-se mais à vontade para participar quando quer, e ficar quieto quando não quer. Acredita que a distração que às vezes apresenta em algumas atividades, está relacionada não ao funcionamento de Felipe, mas sim à falta de preparo do material que é uma atribuição dos responsáveis.

Manoel: O aluno faltou muito nos últimos meses de aula, sendo assim, a professora menciona que não pôde observá-lo como gostaria, sendo difícil perceber mudanças no aluno. Afirma que continua não recebendo suas atividades e que sente sua falta em sala de aula, pois é um aluno muito participativo. A agitação havia sido uma questão trazida na primeira entrevista, a qual deixa de ser pontuada pela professora nesta última conversa. Conta que apesar das faltas, quando assiste às aulas, fica até o final, e não tem dificuldades para se colocar, demonstrar sua opinião e interesses, e que mesmo parecendo estar distraído em alguns momentos, se empenha em realizar as atividades. Tem mais dificuldade em prestar

atenção em atividades menos concretas, como quando a docente vai contar alguma história ou conversar com os outros alunos.

Nicolas: Segundo a docente, a participação de Nicolas não mudou muito do início da pesquisa para o final: *“as percepções continuaram as mesmas né, de um menino mais quietinho, ele gosta de falar, né, quando precisa.... mas quando ele não quer, ele fala que não quer... e na escola a gente respeita muito isso, né... a fala da criança... o momento dela... o desejo dela, nada é imposto, tudo é conversado...”*. Apesar de não ser uma criança tão participativa, a docente reparou que a distração diminuiu depois do início da pesquisa, demonstrando-se empolgado para as aulas, se posicionando em relação às atividades propostas e se empenhando nas mesmas. Acrescenta também que o aluno nas últimas atividades demonstrou ser muito detalhista, às vezes demorando um pouco mais que as outras crianças para finalizar.

Lara: A professora responsável diz ter ficado encantada com as mudanças que percebeu em Lara, afirma que a sente mais *“...comunicativa, querendo participar das atividades, dando seu parecer... nossa, foi muito diferente...”*. Conta que antes da pesquisa, sentia Lara muitas vezes distraída nas aulas, principalmente na sua postura corporal para assistir às aulas, o que mudou após a pesquisa, sentando-se de maneira mais adequada para assistir as aulas e demonstrando-se estar mais atenta. Porém, apesar dessa mudança na participação, relata ter sentido a família de Lara mais ausente no final do ano, sem enviar as atividades e faltando muito às aulas.

3.2.3 Comparação dos resultados obtidos pelo questionário SNAP-IV antes e após a aplicação do sandplay.

Neste subcapítulo serão apresentadas as diferenças de escore obtidas, através do questionário SNAP-IV, na entrevista inicial com os responsáveis em relação à entrevista final. Faz-se importante ressaltar que o uso do questionário SNAP-IV serve apenas para ter uma

ideia da frequência em que os sintomas de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade ocorriam, não sendo necessariamente um recurso limitante, por conta de seu caráter subjetivo, para o recrutamento das crianças.

Tabela 1

Escores do SNAP-IV em relação aos sintomas de desatenção

Criança	Escores do SNAP-IV em relação aos sintomas de desatenção			
	Nem um pouco	Só um pouco	Bastante	Demais
Nicole	0	2	4	2
Giovana	2	5	2	0
Felipe	4	5	0	0
Manoel	2	2	3	2
Nicolas	3	5	2	0
Lara	3	5	1	0

Fonte: Autor

Tabela 2

Escores do SNAP-IV em relação aos sintomas de hiperatividade e impulsividade

Criança	Escores do SNAP-IV em relação aos sintomas de hiperatividade e impulsividade			
	Nem um pouco	Só um pouco	Bastante	Demais
Nicole	0	0	4	5
Giovana	2	3	4	0
Felipe	1	3	5	0
Manoel	3	0	3	3
Nicolas	2	4	3	0
Lara	1	2	6	0

Fonte: Autor

O questionário SNAP-IV classifica pessoas cujos escores de “bastante” e “demais” entre as afirmativas 1 e 9, que fossem superiores a 6, teriam indicativos para sintomas de desatenção. Da mesma forma ocorre da afirmativa 10 à 18, porém, para sintomas de hiperatividade e impulsividade. O questionário em questão pode ser localizado neste trabalho no apêndice A.

Ao observar as tabelas 1 e 2, nota-se que das seis crianças que participaram da pesquisa, apenas uma criança (16,66%), Nicole, apresentou, de acordo com a classificação do SNAP-IV, sintomas para desatenção. Tendo Manoel quase atingido o valor mínimo. Já os sintomas de hiperatividade e impulsividade, três das crianças (50%), de acordo com a classificação do SNAP-IV, apresentam os sintomas, sendo elas Nicole, Manoel e Lara. Tendo Felipe quase atingido o valor mínimo.

Giovana, Felipe e Nicolas, apesar de não terem indicativos dos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção de acordo com o questionário SNAP-IV, nos discursos apresentados pelos responsáveis, como os dos professores, que apontaram comportamentos que remetem a esses sintomas. Por esse motivo e pelo caráter altamente subjetivo de classificação da frequência dos sintomas, a equipe executora não se fixou somente ao SNAP-IV para fazer o recrutamento, mas também às entrevistas realizadas.

Tabela 3

Comparação dos escores atribuídos às crianças pelos responsáveis, em relação à desatenção

Criança	Anterior à aplicação		Após aplicação	
	Bastante	Demais	Bastante	Demais
Nicole	4	2	2	0
Giovana	2	0	0	0

Felipe	0	0	0	0
Manoel	3	2	1	0
Nicolas	2	0	0	0
Lara	1	0	0	0

Fonte: Autor

De acordo com a Tabela 3, é possível observar que Nicole apresentava indicativos para sintomas de desatenção, indo de 6 para 2 no final da pesquisa. Manoel também teve uma melhora considerável relacionada aos sintomas em questão, indo de 5 para 1. As outras crianças, por mais que não apresentassem indicativos para o sintoma em questão, tiveram seus escores zerados ao final da pesquisa.

Tabela 4

Comparação dos escores relacionados à hiperatividade e impulsividade

Criança	Anterior à aplicação		Após aplicação	
	Bastante	Demais	Bastante	Demais
Nicole	4	5	4	1
Giovana	4	0	1	0
Felipe	5	0	4	0
Manoel	3	3	1	0
Nicolas	3	0	1	0
Lara	6	0	0	0

Fonte: Autor

De acordo com a tabela 4, no início da pesquisa, três das seis crianças apresentavam indicativos para os sintomas de hiperatividade e impulsividade. Todas elas ao final da pesquisa diminuíram seus escores significativamente, segundo o instrumento aplicado. As

outras crianças que não haviam apresentado escores no limiar do indicativo, também apresentaram melhoras nas frequências de “bastante” e “demais”.

3.3 Bloco III

3.3.1 Sessões de Sandplay

Neste subcapítulo foram apresentadas todas as caixas de cada participante da pesquisa, tal como as narrativas acerca de cada cenário e temas principais encontrados. Todas as fotos das caixas apresentadas correspondem à posição que foi montada sob a ótica da criança, sendo que a parte inferior da caixa indica o local onde a criança estava posicionada, e a parte superior, onde a pesquisadora se localizava.

3.3.1.1 Nicole

Nas primeiras quatro sessões, a participante interage muito pouco com a pesquisadora, sempre conversando muito baixinho e querendo brincar sozinha. Demonstra estar muito concentrada na caixa de areia, demonstrando muito carinho no trato com as das miniaturas. Apesar de não interagir no primeiro momento, sempre que é convidada a falar de seu cenário no final da confecção das caixas, aceita o convite e conta um pouco da sua escolha de personagens, com uma fala pausada e demonstrando-se animada com os cenários montados. Da quinta caixa adiante, passa a ter um diálogo constante com a pesquisadora ao longo das sessões de sandplay, às vezes convidando-a para brincar com ela, com as miniaturas dentro da caixa, sendo as principais brincadeiras: esconde-esconde e pique-pega. Ao terminar os cenários, não demonstra dificuldade em entender que o tempo acabou.

A seguir, serão apresentadas as caixas confeccionadas por Nicole, bem como os temas principais e suas narrativas.

Primeira sessão:



Descrição da caixa:

O cenário gira em torno de uma família, a casa pertence à avó (superior direito). As pedras no chão (inferior direito) representam a água de um lago. A família conta com cinco primos, quatro tias e dois tios. A mulher e o homem com braços abertos (inferior esquerda) são estátuas que protegem os cães. A menina sentada ao lado do bebê (superior direito) são irmãos. O casal sentado (superior esquerdo) está meditando e ao mesmo tempo, volta-se para o centro da caixa com a finalidade de proteger as crianças. A criança com a mão no rosto está levando uma repreensão dos pais (inferior direito). Todos os animais vivem em harmonia. Nicole não comenta sobre a sereia. O cenário não possui divisória clara dos cômodos, mas todos eles fazem parte da casa, sendo a parte inferior da caixa, o jardim, e a parte superior, a garagem e o interior da residência.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Observa-se que há duas miniaturas (quadrante esquerdo superior) voltadas para o centro da caixa, um homem e uma mulher sentados.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Segunda sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta novamente o dia de uma família, mas dessa vez em um parque. Participam da história cinco primos e três tias. O pescador (superior direito) simboliza a pescaria (brincadeira). As pedras (superior esquerdo) simbolizam a água do lago. Nota-se que cinco dos oito personagens estão direcionados para o centro da imagem.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, centralização (caminhos feitos na areia que dão destaque para a “rodinha”) e movimento circular no quadrante direito inferior.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Terceira sessão:

Descrição da caixa: O cenário é a casa dos avós das primas (superior esquerdo). Na história, as duas meninas não têm pais e estão na avó para almoçar. Os animais convivem em harmonia. Os leões, tigre e guepardo que estão observando as meninas, estão ali para protegê-las. O panda (superior direito), girafa e joaninha (inferior esquerdo) e vagão de trem com macaco e tartaruga dentro (superior esquerdo), são brinquedos.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, várias marcações de dedo por todo o cenário

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Quinta sessão:



Descrição da caixa: A história se passa na casa da avó e os personagens são: duas primas, tia e avó. O cenário se diferencia dos anteriores, principalmente por ter menos miniaturas, tendo o centro e quadrante superior direito vazio. A areia que cobre cama, sofá e poltrona (inferior esquerdo), simboliza cobertas, pois o clima dentro da história é frio. A pedra na mesa (superior esquerdo) representa a comida que a avó fez para o jantar.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, vários caminhos, saindo do quadrante inferior direito, traçados de baixo para cima.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Sexta sessão:



Descrição da caixa: Novamente a história ocorre na casa da avó, sendo as personagens: duas primas, avó e tia. Estão ali para almoçar, a avó fará um churrasco. A mulher com braços abertos (inferior esquerdo) é uma estátua e está ali para proteger as meninas e os cachorros. Nicole convida a pesquisadora para brincar com ela nessa caixa, chamando-a para representar uma das primas (centro), enquanto Nicole é a outra prima. Escolhe como brincadeira pique-pega e pique-esconde.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, vários caminhos interligando o centro do cenário com o quadrante inferior esquerdo

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim. Todavia, observa-se que no quadrante inferior esquerdo, há uma miniatura de uma mulher, cujos braços parecer exceder um pouco os limites da caixa.

Sétima sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas primas (inferior direito) que quiseram passar um dia na floresta. Para isso, levaram seus cachorros (inferior direito) para guiá-las, mostrar o caminho. Os animais que estão na floresta, apesar de serem perigosos, convivem em harmonia entre si e não apresentam ameaça para as primas, muito pelo contrário, as protege. As pedras verdes espalhadas pela floresta, simbolizam água e ao mesmo tempo comida. É a única caixa de Nicole que não se passa na casa da avó e que tem mais variedades de miniaturas de animais do que de pessoas.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Não

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Oitava sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas primas que estão brincando na casa da avó. Na imagem, a avó e a tia saíram para comprar comida e as deixaram sozinhas. As primas aproveitam para brincar e comer escondido as comidas que estão na geladeira. Há alguns brinquedos guardados na casa (superior esquerdo). Nota-se que é a primeira caixa na casa da avó que não há presença de adultos, nem de animais. Novamente Nicole convida a pesquisadora para interpretar uma das primas.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, vários caminhos conectando o quadrante inferior esquerdo ao lado direito do cenário

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Nona sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta o dia de uma família no parque de diversões. Fazem parte dessa história seis personagens humanos, sendo eles: a menina e pescador (inferior direito), seu irmão, pai e mãe (superior esquerdo) e tio (inferior esquerdo). As pedras no chão, ao lado do pescador, simbolizam a água do mar. O bebê está preso dentro da cerca para não correr o risco de ir para o mar e se afogar. As pedras verdes que estão sob a mesa perto do bebê, representam comida.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há marcações de caminhos que levam a “rodinha”

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim, todavia a menina (quadrante inferior direito) e homem (quadrante inferior esquerdo) estão com as cabeças para fora da caixa

Décima sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas primas (superior direito) que irão dormir na casa dos avós. A avó (inferior direito) está fazendo o jantar. Os animais (lado direito da caixa), convivem em harmonia e estão ali para proteger as meninas. As pedras verdes espalhadas no chão onde estão os animais, simbolizam comida.

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim. Observa-se caminhos na areia que fazem ligação com o centro do cenário com os outros quadrantes

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, incluindo alguns montes

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Segunda sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma família que foi passar um dia na praia. A primeira família é composta por uma mãe (inferior direito) e três filhas (superior direito), a segunda é composta por pai (inferior direito), mãe e filho (centro). As pedras na areia simbolizam a água do mar. A casa (inferior esquerdo) é, na verdade, um shopping. Giovana convida a pesquisadora para interpretar uma das irmãs. A história consiste em nadar no mar e almoçar a comida que a mãe preparou.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, além disso, há figuras parcialmente enterradas (mulher, homem e menino)

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Terceira sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma família em sua casa. É composta por pai, mãe e avó (superior esquerdo), filha (inferior esquerdo) e irmão (superior direito). Os pais estão dormindo e utilizam a areia para cobri-los pois estão com frio. A avó está preparando o almoço. A lamparina (superior direito) em frente ao bebê é, na verdade, uma televisão, onde ele assiste desenhos. Giovana conta que a Igreja (superior esquerdo) é o local onde se batizou, e há uma miniatura simbolizando Jesus dentro do baú (inferior esquerdo). Giovana traz que ela é a menina da caixa (inferior esquerdo) e que a pesquisadora é a mãe (superior esquerdo).

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há um movimento de centralização por meio de um “monte” feito de areia, destacando a ponte

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Quarta sessão:

Descrição da caixa: Não há verbalização acerca da história produzida na caixa. Nota-se que há uma elevação feita com areia no centro da caixa, onde encontra-se uma bola. Da elevação, saem caminhos feitos na areia que o integram aos quadrantes. Há um macaco (inferior direito), semienterrado próximo ao monte; um bebê e três cachorros semienterrados (superior direito); baú (inferior esquerdo); sapato de cristal (superior e esquerdo).

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, além disso, há o movimento de centralização, destacando a pedra

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Quinta sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história da família de seu amigo imaginário (menino com as mãos no rosto - inferior esquerdo). A casa ainda está sendo construída e fica perto de uma praia. Moram nela: o menino, pai, avô e mãe. Na imagem, a mãe está esperando a família para almoçar e o menino está coberto com uma rede que pertence ao seu pai, que é um pescador. O pai está em frente ao menino segurando uma espada. Giovana conta que estão brincando de serem guerreiros e a rede faz com que o menino sinta-se protegido. Nota-se que é um cenário com o centro e espaço inferior direito sem miniaturas. Apesar disso, há um caminho feito na areia que integra a parte superior da caixa com a inferior.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, o principal está no centro do cenário interligando a parte inferior da caixa com a parte superior (casa)

Há organização no cenário? Sim

Sexta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma sereia que mora sozinha na praia. Giovana relata que de dia o mar fica distante, e que a sereia gosta de ficar deitada na pedra descansando enquanto toma um sorvete, é seu lugar preferido. Nota-se que no centro da caixa há caminhos desenhados na areia que fazem a integração do lado superior e inferior da caixa.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, principalmente no centro, inclusive formando uma imagem que parece uma “seta” apontando para baixo.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Sétima sessão:

Descrição da caixa: O cenário é a representação da casa dos avós, que agora moram distantes da família, perto do mar (parte superior da caixa). Eles estão felizes ali e o avô espera o jantar ficar pronto.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Há traçado na areia caminhos que conectam o quadrante superior e inferior direitos, tal como o centro da caixa com o quadrante superior direito.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Oitava sessão:

Descrição da caixa: As pedras e a pá (centro) são brinquedos escondidos na praia. O sapo é perigoso e tem um veneno capaz de “matar um elefante da África”. Giovana não comenta sobre o jacaré (superior direito) que está posicionado em direção ao centro da caixa, nem sobre o casal (inferior esquerdo). Apenas traz que foi uma criança que esqueceu os brinquedos na praia e que mora com sua família ali perto.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Há vários traçados feitos na areia, interligando tanto o centro com os quadrantes, quanto o quadrante superior direito ao inferior direito.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Nona sessão:



Descrição da caixa: Conta a história de um dinossauro e um dragão que são amigos e se reúnem para comer leite ninho. Giovana fez a caixa com tranquilidade e cuidado na hora de posicionar as miniaturas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há várias marcas de dedos na areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Décima sessão:

Descrição da caixa: Não há narrativa de nenhuma história. Nota-se que não tem pessoas na caixa, apenas animais, objetos, conchas e vegetação. O cenário foi confeccionado com aparente tranquilidade, sendo que passou grande parte do tempo enterrando e desenterrando as miniaturas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados na areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

direito da caixa, todas as miniaturas apontam para a parte inferior da caixa. O cenário conta duas histórias, a primeira conta do avatar, homem azul (inferior esquerdo), que está à procura de pérolas, pedras (inferior esquerdo), que são a comida de seu reino. A segunda envolve o pescador (inferior direito), que estava trabalhando e precisa ajudar um peixe que corre em perigo. Ele faz amizade com o porco, porém, o porco se encontrou com o jacaré e foi comido por ele. O escorpião também aparece como um animal ameaçador, pois tenta comer o avatar e esse tem de fugir dele. Felipe não faz nenhum comentário acerca da baleia e do tubarão.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, incluindo alguns montes

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Segunda sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história dos dois soldados (centro) que estavam à procura do baú. Ao longo da sessão, eles encontraram e perderam o baú algumas vezes. Não

Quarta sessão:

Descrição da caixa: Não há narrativa de história, Felipe conta apenas que os animais são amigos e são “do bem”. Nota-se que todas as miniaturas estão apontadas para a parte superior da caixa, que também é a direção do local onde estava a pesquisadora.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Sexta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma cidade onde os moradores não aceitaram a chegada do dinossauro e dragão, o que fez com que esses se revoltassem e destruíssem toda a cidade. Apenas o robô e o jacaré são os únicos moradores que restaram, pois se tornaram amigos do dinossauro e do dragão. Nota-se que o robô (superior direito) está enterrado e despedaçado (inferior direito). O jacaré está enterrado. Os dragões estão posicionados em direção ao quadrante superior esquerdo, que também é a direção para onde estava a pesquisadora.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Sétima sessão:

Descrição da caixa: A caixa possui oito variedades de miniaturas. O cenário conta a história de uma cidade que foi destruída, sendo os únicos sobreviventes a girafa, onça e o homem (inferior direito). No momento da história, todos são amigos e estão em uma academia fazendo ginástica. As pedras (inferior esquerdo) representam a água do mar, onde fica uma praia com ondas muito fortes e perigosas. Percebe-se que o lado superior da caixa contém apenas uma miniatura, que é a espada.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Oitava sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma ilha deserta que foi atacada por um avião. No momento da imagem, o dragão e o dinossauro são os únicos sobreviventes.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, há um movimento de centralização com as miniaturas em volta do dinossauro e dragão

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Nona sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de um lugar abandonado onde as pessoas jogam lixo. Os animais e pessoas na caixa estão mortos, os vivos estão dentro da casa. Nota-se que as pedras fazem um caminho na areia que integra quadrante inferior direito, superior direito e superior esquerdo.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, há um movimento de centralização destacando a miniatura do homem

Os Limites da caixa foram respeitados? Não, um pedaço do rabo do dinossauro excede os limites da caixa

3.3.1.4 Manoel

Da primeira à última sessão de sandplay, o participante demonstrou ter bastante agitação. Sempre chegando à clínica querendo abrir as portas e conversando alto. É uma criança com facilidade para se comunicar, interagindo com a pesquisadora desde a primeira sessão. Ao longo das sessões, foi necessário rever com o participante as regras propostas na primeira sessão, principalmente em relação aos cuidados para não jogar areia para fora da caixa, manuseio das miniaturas e tempo de duração da sessão. Na quarta caixa, quando as regras foram retomadas, Manoel demonstrou-se insatisfeito e começou a jogar várias miniaturas da prateleira na caixa com aparente agressividade, tendo sido necessário sentar para conversar sobre o que estava havendo. Após essa sessão, Manoel passou a respeitar os horários de início e fim da confecção das caixas. Na nona e décima sessão, o participante pareceu estar mais calmo tanto ao chegar na clínica, quanto para confeccionar as caixas.

Primeira sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de um reino, no fundo do mar, que pertence ao Avatar (inferior direito). De dia, os moradores brincam uns com os outros e a noite eles

dormem. Um dia um dragão muito feroz atacou o reino, mas todos ficaram bem, pois o Avatar matou o dragão.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Segunda sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a trajetória do avatar (centro) em busca de um tesouro que é guardado por um dragão. No percurso, é atacado por diversos monstros e mata todos eles. No final, consegue matar o dragão, mas não consegue encontrar o tesouro. Durante a confecção da caixa, Miguel manipula as miniaturas com aparente agressividade, fazendo-os lutar entre si.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Terceira sessão:

Descrição da caixa: A história é um pouco confusa, consiste em personagens que ora são amigos, ora estão brigando. As miniaturas foram manipuladas com aparente agressividade durante toda a confecção do cenário, e jogadas dentro da caixa.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, movimento de centralização

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim, todos os objetos estão dentro da caixa, todavia, observa-se que o dragão direciona-se para o exterior da caixa

Quarta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma família que está sendo atacada por um dragão, o qual destrói sua casa. Nota-se que é um cenário confuso, sem divisão clara dos ambientes, e que as figuras não foram colocadas com cuidado dentro da caixa, mas sim jogadas. Foi uma sessão tensa, pois foi necessário lembrar Manoel várias vezes acerca das regras de não jogar areia fora, tal como sobre como manusear as miniaturas com cuidado.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, toda a areia foi mexida ao longo da confecção

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim, todos os objetos estão dentro da caixa, todavia, observa-se que o dragão direciona-se para o exterior da caixa

Quinta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história curta de um casamento que foi invadido por um avião, o dragão aparece destruí-lo. Percebe-se que há apenas uma miniatura no centro (Darth Vader), e que a parte superior está mais vazia em relação às caixas anteriores.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, toda a areia foi mexida ao longo da confecção. Há um movimento de centralização na areia em volta do “Darth Vader”

Os limites da caixa foram respeitados? Não, o rabo do dragão excede o limite da caixa

Sexta sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de cavaleiros que estavam esperando o trem para ir ao parque. Porém, veio um dragão e matou todo mundo da cidade. Apesar disso, o rei veio e reviveu todo mundo. Nota-se que é uma caixa com aparência confusa, sem divisão de ambientes, com as miniaturas jogadas, uma em cima da outra. Nessa sessão, Manoel demonstrou muita dificuldade em seguir as regras relacionadas ao uso da areia, manuseio das miniaturas e tempo de sessão. Ao finalizar a sessão, Manoel começa a colocar a tirar as miniaturas da prateleira e a jogá-las na caixa sem olhá-las. Sentamos para conversar, retomamos as regras e finalizamos a sessão.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, toda a areia foi mexida ao longo da confecção. Além disso, há um movimento em círculo feio pelas miniaturas na areia no centro da caixa.

Os Limites da caixa foram respeitados? Não, metade do dragão está no exterior da caixa

Nona sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história da casa de uma família que quase foi destruída por um furacão, sendo salva pelo avatar, que conseguiu por um fim ao furacão. No final da história, a família ficou bem e unida. Nota-se que as miniaturas estão concentradas no centro e quadrante esquerdo inferior da caixa. A parte superior da caixa está vazia. Nesta sessão, Manoel demonstrou estar mais tranquilo, manuseando com cuidado as miniaturas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Houve movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, enquanto a caixa era confeccionada, o “trem” fez um caminho pela areia (quadrante inferior esquerdo, para superior esquerdo, para superior direito)

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Terceira sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de um pescador que fez amizade com uma tartaruga e a levou para morar com ele. Chegando em casa (superior esquerdo), faz peixe para jantarem. Dentro da geladeira tem algumas pedras guardadas simbolizando comidas. No meio da história, aparece um dinossauro e um dragão, que de início são amigos, porém, tem um desentendimento e começam a lutar. O dinossauro ganha a luta, porém, fica ferido. O pescador e a tartaruga estão com medo do dinossauro, porém, percebe que ele não é uma ameaça, ajudando-o a se curar. O trem e o barco são os veículos de transporte do pescador. As

fezes em cima do trem foram feitas pelo dinossauro. Não há divisão clara entre os ambientes do cenário. Toda a caixa representa a casa do pescador, com exceção do quadrante inferior esquerdo, que é o local do lago (pedras e pétalas de flor) onde pesca.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Não, as miniaturas apenas foram postas na caixa

Os Limites da caixa foram respeitados? Não, o dinossauro está com um pedaço da cabeça saindo das extremidades da caixa

Quarta sessão:



Descrição da caixa: A história conta a relação paterna do bebê com o pai (superior direito). A casa pertence aos dois e a dinâmica se repete ao longo da caixa. O pai faz comida, alimenta os animais (patos e cachorros) e o bebê, coloca o filho dentro da cerca e vai dormir no vagão do trem. Nota-se que há uma proteção em volta do bebê e cachorros e uma defesa, pois há um armamento guardado no baú.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há um caminho traçado na areia que liga o quadrante inferior esquerdo ao superior esquerdo. Há também uma centralização, marcada pela mesa azul

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Quinta sessão:



Descrição da caixa: A história é sobre um dia na praia de duas irmãs e seu pai. A praia está vazia e uma das irmãs vira amiga de um golfinho. Quando elas vão nadar, se deparam com um tubarão e ficam com medo. Após isso, o pai faz peixe e mingau para elas comerem. As pedras e conchas espalhadas pela caixa, simbolizam o mar.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Há um caminho traçado ligando o centro ao quadrante superior direito

Os Limites da caixa foram respeitados? Não, o avião está apoiado na extremidade da caixa

Sexta sessão:



Descrição da caixa: A história gira em torno de duas irmãs sereias. Elas têm um jacaré de estimação, porém sentem medo dele, por isso fica fora de casa. Há pedras dentro da geladeira simbolizando comida. A joaninha em cima da pia é apenas um enfeite e não o animal em si. As sereias estão se preparando para viajar de trem. Ao longo da confecção da caixa, Nicolas entrega duas miniaturas (pedra e panda) para a pesquisadora, pede para ela “cuidar” delas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, caminho ligando o quadrante superior direito ao inferior direito. Tal como outras depressões na areia por toda a caixa, incluindo no centro do cenário, destacando a mesa com as cadeiras

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Sétima sessão:

Descrição da caixa: A história envolve um robô (superior direito), dono de uma lanchonete, onde faz comida para a tartaruga e o panda. O trem, avião e navio são seus veículos de transporte. Sua casa fica dentro de sua lanchonete.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Há caminhos traçados por toda a caixa

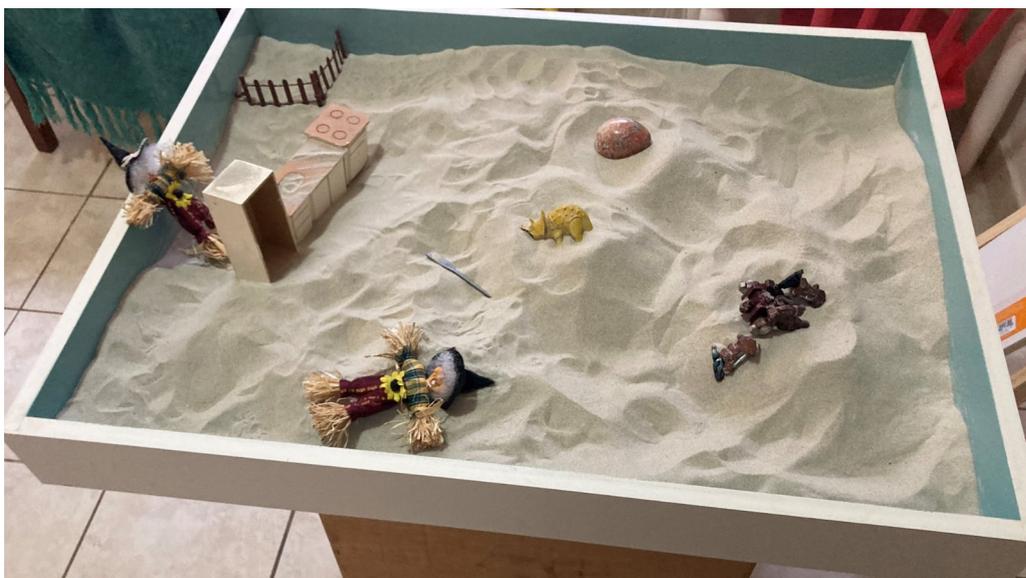
Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Oitava sessão:

Descrição da caixa: Nicolas conversa muito pouco ao longo da confecção da caixa. Apresenta a história como sendo animais brincando com a branca de neve na rodinha. Não há dramatização ao longo da confecção da caixa. Ao finalizar, pede para jogar algum jogo, sendo ele, “imagem e ação”.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, tal como um monte no quadrante superior esquerdo

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Nona sessão:

Descrição da caixa: A história se passa novamente no restaurante do robô. Dessa vez, ele arranjou dois espantalhos para espantar os pássaros. O dinossauro estava dentro da certa (superior esquerdo), mas foi solto porque estava com fome. O robô faz um ovo para o dinossauro comer, porém, após este se alimentar, decide destruir tudo e desmonta o robô. A maior parte do tempo nesta caixa foi o robô cozinhando para o dinossauro e alimentando-o algumas vezes. Nicolas ao finalizar pede para jogar dominó.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, tal como um monte no centro da caixa destacando o “dinossauro”.

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

3.3.1.6 Lara

Da primeira à quarta sessão, ao longo da confecção da caixa, a participante fica calada e não envolve a pesquisadora na brincadeira, evitando também, contato visual, falando baixinho enquanto brinca. Da quarta sessão adiante, passa a interagir mais com a pesquisadora, contando a ela alguns trechos da história da caixa e também misturando com aspectos da sua rotina. Lara não demonstra ter dificuldade em seguir os combinados feitos entre ela e a pesquisadora, tendo cuidado para manipular as miniaturas e a areia, bem como entender o tempo de duração das sessões.

A seguir, serão apresentadas as caixas confeccionadas por Lara, tal como os temas presentes e as narrativas.

Primeira sessão



Descrição da caixa: Lara não narra nenhuma história acerca da caixa, mas conta que gostou muito das bonecas (superior). Ao longo da confecção da caixa, Lara enterra e desenterra as miniaturas algumas vezes. Nota-se que a parte inferior da caixa está vazia em relação às miniaturas, com exceção da “mulher de vestido vermelho” (inferior direito).

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, principalmente na parte de baixo da caixa

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Segunda sessão:



Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas irmãs que gostam muito uma da outra e foram passar o dia no parquinho. A mãe estava junto, vigiando, porém, não aparece na caixa. Ao longo da confecção da caixa, houve muita manipulação da areia e várias vezes, Lara enterrou e desenterrou as miniaturas.

Quarta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma família que foi passar o dia em um parque de diversões. A “menina com língua pra fora” (inferior esquerdo) se esconde dos pais, pois foi “malcriada” com eles. Participam da história a menina, seu pai e sua mãe, seu primo (bebê) e sua mãe, e uma tia. O homem e a mulher enterrados (inferior direito) são estátuas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, além disso, há figuras parcialmente enterradas (homem, mulher e cama, quadrante inferior direito)

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Quinta sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas primas que foram dormir na casa da avó. O pai e mãe de uma delas, não pode ficar em casa, já que tiveram que sair para trabalhar. Ficaram, portanto, duas tias e dois tios além da avó para cuidar das meninas. No momento da imagem, a avó está chamando-as para o jantar, fez um peixe, que o pai de uma das primas pescou. Nota-se que há traçados na areia que chamam a atenção para o centro, onde encontra-se um casal (tio e tia).

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, além disso, há um movimento de centralização em torno do casal

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Oitava sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de uma família que teve a casa invadida e destruída por monstros. Apesar disso, após a invasão, a família acolhe os monstros e esses se tornaram seus animais de estimação. A menina (centro), treina para ir para o exército, ao mesmo tempo que precisa cuidar do irmão mais novo que ainda é um bebê (inferior esquerdo). Ao longo da confecção da caixa, Lara enterrou e desenterrou as miniaturas algumas vezes.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Nona sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de duas irmãs que moram com a mãe e a tia (superior direito). Lara relata o dia-a-dia delas, conta que acordaram, tomaram um banho relaxante e que uma das irmãs passou mal, com dor de barriga, durante quatro dias, e que por isso, ela precisava de cuidados. Conta que são muito amigas e que o cenário se passa na casa delas.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia.

Observa-se um caminho mais acentuado no centro da caixa que liga o lado esquerdo do direito, de baixo para cima

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Décima sessão:

Descrição da caixa: O cenário conta a história de um menino (inferior esquerdo) que ao passear na floresta, descobriu um baú com cactus dentro e decide caçar. As duas meninas (inferior direito), moram perto da floresta e um dia foram lá para brincar. Conta que acharam um brinquedo em formato de bebê (centro). Quando voltaram para casa, não encontraram comida, tiveram que sair para caçar. Ao retornarem, jantaram e um dinossauro invadiu duas casas, mas ficou tudo bem e foram dormir. Nota-se que não há narrativa acerca do dragão nem do trem e do skate.

Há movimentação na areia? Se sim, qual? Sim, há vários caminhos traçados a areia, além disso, há figuras parcialmente enterradas (meninas, carrinho, espadas e coqueiros)

Os Limites da caixa foram respeitados? Sim

Capítulo 4 - Análise dos Resultados e Discussão

Neste capítulo, consta a análise dos resultados da pesquisa obtidos, tanto pelas entrevistas e questionários SNAP-IV, quanto a partir dos cenários confeccionados nas sessões de jogo de areia. Vale ressaltar que não há uma só forma de se analisarem as caixas de areia, diversas são as formas propostas pelos autores da área, com enfoques em diferentes aspectos, como é o caso de Matta (2007), mais focado nas temáticas.

Estava previsto o uso de areia seca e molhada, porém ao utilizar a caixa de areia molhada, houve infiltração na caixa, impossibilitando a continuação de seu uso. A principal diferença entre a areia seca e a molhada é a função organizadora, mais facilmente alcançada com o uso da caixa com areia molhada, visto que com ela é possível moldar a areia com mais facilidade. Além disso, o uso da areia molhada possibilitaria sensações relacionadas a fluidez e maciez, estimulando o fluxo do aparecimento de imagens inconscientes para o consciente, sendo que essa maior facilidade em moldar com areia, poderia diminuir o estado não racional e aumentar o mais intuitivo (Giovanetti & Sant'Anna, 2014; Cunningham, 1997). Todavia, o não uso da caixa com areia molhada não impossibilita que haja essa conexão entre inconsciente e consciente, visto que é um dos objetivos do próprio instrumento. Portanto, o abandono da caixa com areia molhada não impactou negativamente no trabalho, já que as crianças continuaram a demonstrar interesse na técnica e encontraram sua própria forma de estruturar o cenário.

Para avaliar a eficácia do Sandplay em relação aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, a pesquisadora, além de utilizar essas formas de análise quando achou pertinente, focou principalmente nas seguintes características ao longo das sessões:

- a) Relação transferencial dos participantes com a pesquisadora;

b) Capacidade de adaptação com as regras propostas para confecção das caixas de areia, em especial: tempo de sessão, uso da areia e a retenção dela dentro dos limites físicos da caixa e manipulação cuidadosa das miniaturas;

c) Uso ou não de narrativas e quais os temas principais;

d) Comportamento das crianças no espaço comum da clínica, dentro e fora da sala de atendimento, com e sem os pais;

A relação transferencial das crianças com a pesquisadora, se mostra importante, pois, de acordo com Ammam (2004/1989), a presença do terapeuta, que se coloca inteiramente à disposição ao longo das sessões, favorece o processo de individuação e autocura da criança. Isso porque, segundo Kalff (2003), é o terapeuta, é o responsável por permitir o espaço livre, que ocorre quando consegue aceitar a criança plenamente, tal como quando ele também se permite participar intensamente de tudo o que acontece. Isso faz com que a criança perceba que não está sozinha, mas sim protegida e livre para se manifestar.

De acordo com Kalff (2003), essa confiança é responsável por abrir espaço para, eventualmente, ser reconstruída a situação da unidade mãe-filho, já explicada anteriormente neste trabalho. Ainda de acordo com Kalff, por conta deste papel que o terapeuta ocupa ao longo das sessões de Sandplay, é sua tarefa reconhecer essas forças e protegê-las em seu desenvolvimento, fazendo o papel de um guardião que cuida de um bem valioso, representando para a criança o espaço e a liberdade, e, ao mesmo tempo, os limites.

Ao longo das sessões de Sandplay, a pesquisadora foi convidada para participar da confecção das caixas diversas vezes. Em sua maioria, as crianças (em especial, Nicole, Nicolas, Lara e Giovana) pediam para que interpretasse personagens específicos, sempre personagens relacionados à família ou que representassem amigos. Já Manoel designou personagens que alternavam diversas vezes durante as sessões como representantes do “bem” e do “mal”, por vezes sendo morto ou salvo pelo participante. Felipe, apesar de não convidar a

pesquisadora para confeccionar as caixas, por vezes colocou miniaturas nas caixas, que, às vezes, se direcionavam à pesquisadora; o principal destes foi o “dragão”, que às vezes excedia os limites físicos da caixa. Manoel também fez o mesmo uso dessa miniatura. A figura do “dragão”, segundo Bradway (2001), geralmente desempenha o papel do guardião de templos e tesouros. Neste caso, esse tesouro a ser protegido pode ser interpretado como a psique da criança, que se expõe na areia.

Destaca-se que, ao longo das sessões, a pesquisadora só participou ativamente da confecção dos cenários quando foi convidada. Mesmo quando foi necessário fazer intervenções, nenhuma foi feita em relação à escolha de miniaturas nem das narrativas das crianças, mas apenas quando percebia que os acordos não estavam sendo seguidos, ou seja, quando não houve uso cuidadoso das miniaturas, quando a manipulação da areia excedeu os limites da caixa em quantidades excessivas, e quando extrapolados os limites de tempo de sessão. Todos os participantes demonstraram níveis diferentes de dificuldade relacionados à capacidade de adaptação às regras do jogo, mas, ao final da pesquisa, todos encontraram formas de se adaptar a essas regras.

Em relação às narrativas, todos os participantes trouxeram histórias em ao menos uma sessão. Observou-se que, conforme o final da pesquisa se aproximava, as narrativas diminuíram ou se extinguiram, tal como a frequência de pedidos para que a pesquisadora participasse da confecção das caixas. De acordo com Vieira (2003), no Sandplay a criança vivencia o brincar simbólico, pautado em narrativas e/ou imagens, tendo a função cognitiva de organizar a experiência de vida da criança. Hipotetiza-se que, por meio dos encontros com Sandplay, as crianças puderam iniciar essa organização, considerando a presença e disponibilidade da pesquisadora ao longo das sessões, o que parece ter permitido o estabelecimento de um vínculo de confiança e de independência entre as partes.

No que diz respeito aos temas, com exceção de Felipe e Manoel, todas as crianças, principalmente as meninas, representaram a temática da família em seus cenários, sendo que a temática da escola não apareceu em nenhum cenário. Este fato se aproxima da realidade vivida por elas no período da pesquisa, uma vez que o isolamento social devido à COVID-19 ainda era extremamente necessário, sem irem à escola, diminuindo ou extinguindo o contato com outras crianças da mesma idade, bem como a possibilidade de frequentarem outros espaços que não suas casas. Além disso, sinaliza o fato de que as crianças não se utilizaram de referências antigas, mas fizeram representações do momento presente vivenciado por elas.

Narrativas relacionadas a alimentação também fizeram-se presente ao longo das sessões todas as crianças. Grubbs (2005) destaca que é comum crianças de cinco a sete anos fazerem o uso dessa temática, representados frequentemente como alimentar aos animais, as pessoas, crianças etc. De acordo com Turner (2005), esse tema é característico do primeiro estágio de desenvolvimento psíquico, que foi explicado anteriormente, referente a unidade mãe-bebê. Quando as caixas de areia estão permeadas por essa temática, segundo a autora, pode simbolizar uma nutrição do nível primal da psique, havendo, portanto, um retorno do autor do cenário aos primórdios, como de um bebê recém-nascido, permitindo que o indivíduo entre em um campo contínuo de criação e transformação, com diminuição do controle do ego sobre a realidade e evocando um sentimento de ameaça.

Em relação ao comportamento das crianças na clínica, observou-se que, no início da pesquisa, algumas crianças demonstravam-se mais quietas quando na presença dos pais, como foi o caso de Giovana e Lara, ficando mais espontâneas e com mais energia quando entravam na sala de atendimento. Nicolas e Felipe demonstravam-se apegados aos genitores quando estavam na sala de espera com eles, e por vezes perguntavam onde estavam seus pais enquanto confeccionavam as caixas. Felipe demonstrava-se mais agitado na presença dos pais, mas acalmava ao adentrar a sala de atendimento. Nicolas, apesar da aparência calma,

apresentava uma fala acelerada tanto na presença da mãe, quanto na presença apenas da pesquisadora. Já Manoel apresentava-se agitado nas áreas comuns da clínica e na sala de atendimento. Nicole, por sua vez, chegava à clínica demonstrando-se curiosa quanto aos aspectos decorativos do local, colocando as mãos nos objetos e conversando bastante, sendo que quando entrava na sala de atendimento, corria direto para as miniaturas, demonstrando pouca paciência quando era necessário aguardar a pesquisadora a organizar a sala.

Essa diferença da forma de agir pode ser devida a vários aspectos. De acordo com Jung (2013c/1972), a criança com seis anos de idade ainda está muito suscetível ao inconsciente dos pais, sendo influenciada pelo inconsciente dos adultos ao seu redor, vivenciando um relacionamento dependente. Além disso, Martins & Szymanski (2004) esclarecem que a criança se desenvolve a partir do seu envolvimento ativo com o ambiente físico e social, expressando sua forma de compreender e interpretá-lo. Assim, é possível que a criança comporte-se de maneiras diferentes de acordo com o contexto.

A seguir, serão feitas as análises dos resultados obtidos a partir da investigação realizada com cada criança, relacionando os resultados das sessões de jogo de areia e aos seus possíveis efeitos em relação aos sintomas de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade.

4.1 Nicole

Nicole, de seis anos, é filha única, fruto de uma gestação altamente desejada pelos pais, uma vez que sua genitora sofreu três abortos espontâneos antes de seu nascimento. Isso fez com que sua gestação fosse acompanhada de grande medo, principalmente por parte da mãe, sendo indicadas pelo médico algumas restrições, como evitar passar a mão na barriga ao longo da gestação, pelo alegado risco de aborto. Dessa forma, supõe-se que a relação mãe-bebê foi permeada por sentimentos de desamparo e privação no início de afeto por contato físico.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Nicole, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência para possibilitar a visualização com mais clareza das interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



Ao se observarem os cenários confeccionados por Nicole, é possível perceber que possuem uma organização de espaço, como nenhuma miniatura ter ultrapassado os limites físicos da caixa, demonstrando um cuidado ao posicioná-las. Além disso, percebe-se o uso recorrente da miniatura “rodinha”, usada nas sessões (em quase todas, com exceção da quinta, sétima e nona) como um objeto transferencial, palco da relação entre as duas crianças presentes em todas as caixas, sendo que uma delas é representada por Nicole, e a outra, a pedido da participante, representada pela pesquisadora. Observa-se que em duas sessões, a segunda e nona, a rodinha foi o objeto de centralização do cenário.

A quinta sessão é um marco no processo de Nicole na pesquisa, uma vez que é a primeira a ter um cenário com poucas miniaturas, mas que possui grandes marcas na areia integrando todos os quadrantes. De acordo com Ramos e Matta (2008), essa “integração” pode ser compreendida como uma melhor interação entre conteúdos inconscientes e conscientes, tal como melhor capacidade de organizar a personalidade.

Outro aspecto interessante nos cenários de Nicole é a presença das miniaturas de cachorros, presentes em nove dos dez cenários. De acordo com Bachmann (2017), a figura do

cão simboliza a instintividade, revelando-se um animal/guia espiritual. Segundo a mesma autora, farejar o cão em si mesmo, pode significar reencontrar seu próprio faro. Ainda, essa atitude

[...] de escutar atentamente às vozes interiores e de perceber os impulsos imediatos e os estímulos espontâneos poderia ser descrita, na psicologia analítica, como o caminho para dentro. Em todo o caso, através de uma atenção voltada para dentro pode-se dar início, às vezes, a uma nova visão sobre determinada situação. O que importa é farejar ao longo do próprio rastro (Bachmann, 2017, p.61).

Isto é relevante, uma vez que a sétima sessão é a primeira a ter um cenário em que as meninas estão mais próximas dos cachorros e no qual é permitido que sejam guiadas por eles na floresta, cujos animais, embora selvagens, convivem em harmonia. É a sessão que possui o cenário mais diferenciado de todos os dez, uma vez que é a primeira a não ter a “família” como tópico principal, trazendo uma diminuição na rigidez da organização do espaço, que se mantém nos cenários seguintes. Pode-se entender, portanto, que começa a haver uma relação de proximidade da criança com o próprio instinto, não mais precisando ser vigiado por cercas ou pessoas, como nos cenários anteriores, mas agora sendo guia da protagonista dos cenários. Isso é particularmente relevante, uma vez que a maior parte da queixa dos pais em relação a Nicole é o sintoma de agitação, justamente aquele que pode estar relacionado à relação da criança com os próprios instintos.

Por fim, destaca-se também que, na entrevista final, os responsáveis mencionaram não terem sentido tanta diferença nos comportamentos de Nicole. Todavia, se contradizem, uma vez que as respostas ao questionário SNAP-IV mostram uma clara diferença da frequência dos sintomas da pesquisa na participante em questão, como foi apresentado nas tabelas 3 e 4. Ressalta-se que não foi possível contatar a professora responsável para participar da pesquisa. Nota-se, também, que os pais chamaram a atenção para o fato de Nicole sempre sair mais tranquila das sessões, em que possivelmente conseguiu expressar grande parte a gama de sentimentos reprimidos em sua psique.

4.2 Giovana

Trata-se de uma criança com seis anos de idade que reside com os pais e irmãos. Seus pais procuraram pela pesquisa pois perceberam certa desatenção de Giovana, além mais agitada que o habitual. Ainda, a criança demonstrou dificuldades para dormir por um período, mas isso foi solucionado pouco tempo antes do início da pesquisa. Os responsáveis acreditam que conseguiram essa melhora por conta de uma constelação familiar.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Giovana, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência, para que seja possível visualizar com mais clareza as interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



Ao observar as caixas confeccionadas por Giovana, é possível perceber que há um padrão na narrativa das primeiras três sessões, sendo seu tema principal a família. Apesar disso, observando os cenários, percebe-se que se diferenciam bastante uns dos outros. Não apenas se modificam as imagens, mas também o próprio comportamento da criança ao longo das sessões. Da primeira à terceira sessão, a participante teve grande interação com a pesquisadora, convidando-a para participar das brincadeiras, apresentou dificuldade para manter a areia dentro da caixa, bem como para aceitar o tempo de sessenta minutos para confecção. Por vezes, desviou a atenção para outros aspectos da sala: comentou sobre a

decoreção, alternava entre se assentar na poltrona e no sofá, entre outras atividades, sempre com muita energia e muito falante.

Na primeira sessão, Giovana não se preocupou em confeccionar um cenário, mas se concentrou na formação de vínculo com a pesquisadora. Já a segunda sessão foi protagonista de um cenário com narrativa, cuja organização espacial estava bem melhor estruturada, em contraponto à primeira.

O terceiro cenário, apesar de manter a narrativa da família, já não é um ambiente completamente integrado, pois foi necessário o auxílio da miniatura ponte para fazer essa ligação. O lado esquerdo da caixa representa a família, mas de uma forma mais inerte, uma vez que os pais estão dormindo. Junto à ponte, há um bebê Jesus e, logo depois, do lado direito, em contraste com o lado esquerdo onde as pessoas dormem, há uma nova vida, representada por um outro bebê, posicionado ao lado de uma lamparina. Isso é bem relevante, pois a lamparina, que precisa do fogo para emitir luz, é símbolo de transformação e regeneração, vide Bradway (2001).

Além da miniatura que representa Jesus, há também a Igreja, na qual Giovana teria sido batizada, segundo seu próprio relato. O cenário em questão então traz dois aspectos de cunho religioso, ambos ligados ao nascimento: a igreja é conectada ao bebê através de Jesus, visto no Cristianismo tanto como mensageiro quanto como símbolo de salvação; e há a narrativa acerca do batizado, um ato de purificação.

Este nascimento, que aparece na terceira sessão, parece surtir efeito no comportamento de Giovana nas próximas sessões. Ela começa a se mostrar mais calma, com uma fala menos acelerada, embora continue conversando muito até a última sessão. Esse novo comportamento se mantém, aumentando cada vez mais a tranquilidade da participante nas sessões seguintes, em que passou a escolher as miniaturas com mais calma, manuseando-as com mais cuidado, e, inclusive, diminuiu a quantidade de areia que caía no chão.

A partir da quarta sessão, o tempo de duração da brincadeira de esconder as miniaturas na caixa foi menor. Giovana focou mais na confecção da caixa e em sentir a areia com suas mãos, bem como em brincar de moldá-la. Além disso, observa-se que na terceira, quarta e oitava sessões há o movimento de centralização, sinalizado por um monte de areia no centro da caixa, que, de acordo com Matta (2007), pode ser entendido como um lugar de transformação criadora, simbolizando o encontro do inconsciente e do consciente.

Observa-se que, na sexta sessão, foi feito um traçado peculiar na areia, que se parece com uma seta que faz um movimento de integração da parte superior com a inferior da caixa. Ramos & Matta (2008) compreendem a Integração não apenas como uma maior interação entre os conteúdos conscientes e inconscientes, mas também como uma capacidade de uma maior organização da personalidade. A partir dessa sessão, os cenários confeccionados tendem para uma introversão, com menos personagens.

Da oitava à décima sessão não há mais a presença de miniaturas que representam seres humanos, substituídos por animais que vivem em harmonia entre si, em meio à vegetação, representando ambientes ainda mais serenos. As figuras humanas até entravam às vezes na narrativa, como é o caso da oitava caixa, porém, não participam do cenário propriamente dito.

Observa-se, ainda, que nas primeiras sessões a criança chegava à clínica com muita energia, demonstrando dificuldade em focar apenas no jogo de areia, e todo o ambiente da clínica chamava sua atenção. Ao longo das sessões, os sintomas foram diminuindo, sendo que a criança começou a demonstrar ter mais cuidado ao manusear as miniaturas, respeitar o horário, e foi aprendendo a lidar com os limites físicos da caixa, diminuindo a quantidade de areia a cair no chão. Os pais de Giovana também notaram essa diferença na filha, principalmente relacionado ao seu empenho nas atividades escolares e nas aulas. Além disso, não só os pais, mas também a docente, sentiram-na mais criativa e espontânea. Embora a docente tenha mencionado que a criança estava mais agitada nas últimas aulas, acredita que

isso esteja relacionado a uma queda no empenho dos pais para preparar os materiais da aula, e não relacionado apenas à forma de funcionamento da aluna.

4.3 Felipe

Trata-se de uma criança, com cinco anos de idade, que reside com seu pai e sua mãe. Demonstra-se alegre e com muita energia, chegando animado para as sessões, pulando e correndo pela clínica. Além disso, aparenta ter uma relação próxima com ambos os pais, abraçando-os e fazendo-lhes carinho na sala de espera.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Felipe, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência, para que seja possível visualizar com mais clareza as interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



Ao observar os cenários confeccionados por Felipe, é possível perceber que a maioria das miniaturas usadas é de representações de animais. O uso de personagens humanos encontra-se presente em apenas cinco dos dez cenários, sendo que em só um dos cenários (terceira sessão) houve a participação de pessoas do sexo feminino. Além disso, observa-se que, mesmo quando usadas figuras humanóides, os protagonistas eram personagens fantásticos ou automatizados, como é o caso do avatar e do robô.

Nas primeiras sessões, à exceção da primeira, as caixas, apesar de terem cenários aparentemente desorganizados, possuem limites físicos reservados e são marcadas por histórias que retratam a harmonia entre os animais. A quinta sessão, por mais que mantenha

essa última característica, modifica os cenários anteriores e é a primeira a se apresentar com maior organização, dando enfoque principalmente ao movimento de centralização, realizado pelas miniaturas.

Após a quinta sessão, um novo padrão entra em cena, dando início a histórias cuja temática “destruição” torna-se a principal. Segundo Matta (2006), essa temática pode retratar um momento de ansiedade ou representar que o cliente pode estar se sentindo ameaçado por seus impulsos, podendo ser estes considerados processos psíquicos sobre os quais a consciência não tem controle. Nessas cenas, observa-se a utilização do “dragão” e do “dinossauro” como figuras ameaçadoras, e sempre apontando para o local onde estava a pesquisadora, denotando ser um movimento de transferência. Isto é interessante, uma vez que foram sessões em que Felipe começou a ter maior controle sobre o uso da areia, deixando cair pouca quantidade, em contraste com as sessões anteriores, em que o piso da sala ficava escorregadio por conta da grande quantidade de areia no chão.

A décima sessão é isenta de manifestações de destruição e conflito, marcando não somente a finalização das sessões de Sandplay, como também a restauração da harmonia no cenário. Felipe demonstrou estar mais tranquilo quando chegava à clínica para as últimas sessões, bem como apresentou ter mais controle em relação à forma como utilizava as miniaturas, conseguindo manter a areia dentro dos limites da caixa, questão com a qual Felipe apresentou grande dificuldade até a quinta sessão.

A queixa dos pais ao procurarem a pesquisa foi relacionada principalmente aos sintomas de hiperatividade e impulsividade. A desatenção é mencionada na entrevista inicial realizada com a mãe, todavia, não é identificada no questionário SNAP-IV. Sob o ponto de vista da pesquisadora, Felipe apresentou-se mais calmo e atento ao final da pesquisa, mas apenas durante as sessões, enquanto confeccionava o cenário. Quando saía da sala para encontrar-se com os genitores, retomava o comportamento agitado: corria pela clínica e

pulava nos sofás e no colo dos pais. Os genitores relatam não sentir diferença nos sintomas de hiperatividade e impulsividade na criança; entretanto, os de desatenção consideraram não mais presentes. A docente relata que tem percebido a criança mais interessada nas aulas, com exceção das aulas em que aparece sem o material organizado.

4.4 Manoel

Manoel é o único participante da pesquisa que estava com quatro anos de idade no momento da pesquisa. Desde a primeira sessão, demonstrou-se uma criança muito ativa, falante e criativa. Seus pais procuraram a pesquisa por estarem preocupados principalmente com os sintomas de hiperatividade e impulsividade que observaram em Manoel.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Manoel, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência, para que seja possível visualizar com mais clareza as interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



Ao observar as caixas de Manoel, é possível perceber que nenhuma apresenta cenários esteticamente organizados. Todavia, o mais rico de suas caixas não é a confecção final visual do cenário, mas sim todo o comportamento de Manoel ao longo das sessões, uma vez que foram caixas recheadas de encenações e dramatizações ao longo de suas montagens.

Os cenários produzidos por Manoel formam imagens que, se analisadas separadamente, não remetem a uma clareza da história, bem como não fica clara quais as relações dos personagens entre si. De acordo com Kalff (2006), em cenas confusas, procurar por um princípio de ordenação em um nível mais primitivo pode auxiliar a compreender melhor o cenário, seja por meio de um arranjo circular, seja pela direção das miniaturas ou

agrupamento de acordo com tamanho ou cor. Neste sentido, observa-se que a formação de círculos, feitos na areia ou pela posição das miniaturas, é algo que ocorre em cinco dos dez cenários produzidos por Manoel, nomeadamente na segunda, terceira, quinta, sexta e décima sessões. Ainda de acordo com o autor,

Devemos ter em mente as cenas anteriores e observar com precisão as mudanças. Pode haver uma criança que sempre cria cenas de batalha, e podemos ficar frustrados e não ver nenhum progresso. Uma observação mais detalhada pode revelar, no entanto, um grande desenvolvimento de uma batalha contra todos sem muito propósito em direção à batalha "ordenada" entre dois exércitos claramente definidos de oponentes lutando por um motivo claro. (Kalff, 2006, p.15)

Outro aspecto interessante é a forma como as miniaturas por vezes parecem “jogadas”, apresentando-se de forma bidimensional nas caixas confeccionadas pela criança. Segundo Kalff (2006/2017), uma hipótese para situações análogas é que os conteúdos expressos podem ainda não ser percebidos e vivenciados de forma concreta pelo autor do cenário. Todavia, fica o questionamento se essas imagens bidimensionais não seriam também um reflexo do uso contínuo de eletrônicos pela criança, em que a representação do mundo é bidimensional.

Ainda em relação ao fato de miniaturas serem jogadas, em vez de cuidadosamente posicionadas, deve-se levar em consideração a observação de Bowyer (1970) de que é comum crianças de quatro anos de idade apresentarem em suas caixas de areia figuras jogadas, bem com haver representação de mundos caóticos e desordenados. Neste sentido, Fillus (2013):

Na idade de quatro e cinco anos estima-se que, progressivamente, a criança possa ter o domínio básico da linguagem, comece a administrar melhor seus impulsos e afetos em vias de um ego estabelecido e uma consciência em processo constante de ampliação. Para tanto o sujeito precisa aos poucos “sair do colo dos pais”, construir, a partir de modelos, seu próprio modo de ser, enfrentar seus medos e se sentir importante para os seus, considerando-se amado. (Fillus, 2013, p.42)

Portanto, pode-se entender que, nesses cenários em que miniaturas foram “jogadas”, há uma busca por ordenação psíquica dessa criança, que está aos poucos “saindo do colo dos pais” e adquirindo a própria identidade.

Na primeira sessão, Manoel teve menos dificuldade em seguir as regras estabelecidas, talvez por conta de uma adaptação tanto ao ambiente quanto com a pesquisadora, talvez na tentativa de agrada-lá ou de conhecer os limites. A partir da segunda caixa, começou a apresentar dificuldades em manter a areia dentro da caixa e a manipular as miniaturas com aparente agressividade, atingindo os ápices na quarta e sexta sessões, momentos em que foram necessárias maiores intervenções da pesquisadora em relação às regras do jogo de areia.

Na oitava sessão, todos os conflitos eram causados por personagens na caixa. Já na nona, o responsável pela desordem da história é um terceiro, representado por um evento da natureza, um furacão que foi destruído e apaziguado por um dos personagens. Isto é, pode-se entender que houve uma mudança psíquica no sentido se ser possível, agora, a autorregulação de seus conflitos internos. Podem se associar os dragões destruidores e o furacão como os representantes não somente dos conflitos internos, mas também dos impulsos que trazem essa desordem psíquica, hipotetizada como manifestação dos sintomas observados de hiperatividade e impulsividade.

Ao final da pesquisa, Manoel apresentava-se mais tranquilo e com maior facilidade de seguir as regras, principalmente aquelas relacionadas aos cuidados com as miniaturas e em se manter a areia dentro da caixa. Os pais perceberam a criança mais tranquila, com a fala menos acelerada, menos agitado e muito mais atento. A docente relata tê-lo visto com pouca frequência nas últimas aulas, mas conta que, quando a criança participa, faz-se presente nas discussões e se empenha para realizar as atividades, mesmo que não pareça ser algo que cativa sua atenção.

4.5 Nicolas

Nicolas é uma criança de seis anos de idade que reside com a mãe. Seus pais se separaram há alguns anos. Seu pai se mudou para outro país após o término, motivo pelo qual a criança possui pouco contato paterno. Além disso, Nicolas tem uma irmã mais velha que nunca conheceu pessoalmente. Demonstra ser uma criança tranquila, todavia, de acordo com sua genitora, apresenta sintomas relacionados à desatenção, apesar do questionário SNAP-IV não ter tido indicativo para este aspecto.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Nicolas, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência, para que seja possível visualizar com mais clareza as interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



Observa-se que a primeira sessão foi usada por Nicolas para expor seu mundo interior por meio de muitas miniaturas, confeccionando um cenário com diversos espaços diferentes, tais como casa, cidade e floresta assombrada. De acordo com Matta (2007), o uso de miniaturas ou construções na areia que impedem ou dificultam a livre circulação pode ser entendido como um congestionamento, representando uma estagnação no fluxo de energia psíquica. Por não ter vias para locomoção, fica estagnada, impedindo a criatividade e a

produtividade, trazendo sentimentos de angústia. O curioso desse cenário é que sua divisão de espaços é feita com veículos de transporte, portanto, pode-se inferir que, embora haja um congestionamento, há também um anseio por movimento.

A segunda sessão já traz um cenário mais vazio. Este indica maior possibilidade de circulação da energia psíquica, não somente pela falta de miniaturas, mas também pela narrativa. Esta se trata de uma história de nascimento e de caça ao tesouro, em que piratas, apesar de enfrentarem dificuldades, conseguem superar os obstáculos e retornam para casa com o tesouro.

Todas as caixas seguintes, menos a oitava, apresentam veículos de transporte que, com exceção da terceira sessão, possuem espaço livre para tráfego. Isso indica continuidade dessa movimentação de energia psíquica, bem como uma integração entre quadrantes da caixa de areia. Assim, ao longo das sessões de caixa de areia, não só Nicolas conseguiu dar mais espaço para liberação da energia que estava estagnada, como pôde encontrar meios de superar as dificuldades que apareciam ao longo de suas histórias.

Observa-se que, conforme as sessões ocorriam, os cenários ficaram esteticamente mais organizados, e que foram utilizadas menos miniaturas. Além disso, à medida que essa organização foi sendo elaborada pela criança, sob o olhar da pesquisadora, os sintomas foram diminuindo, uma vez que Nicolas passou a responder à pesquisadora sem que fosse necessário repetir as perguntas. Ainda, começou a respeitar mais as regras propostas relacionadas ao tempo, manipulação das miniaturas e areia, demonstrando uma diminuição nos sintomas analisados. A genitora também notou diferença nos comportamentos do filho, sentindo-o mais calmo e atento nas aulas e no dia a dia. A professora também notou diminuição na distração e aumento na atenção aos detalhes.

4.6 Lara

Lara, de seis anos de idade, demonstra-se uma criança tranquila, mas espontânea após adaptar-se ao ambiente. Reside com os pais e irmãos. A queixa principal dos responsáveis é relacionada aos sintomas de desatenção, de impulsividade e hiperatividade, em especial no horário das aulas.

A seguir, serão apresentadas novamente as caixas confeccionadas por Lara, porém, dessa vez, colocadas no formato de sequência, para que seja possível visualizar com mais clareza as interpretações possíveis sobre seus cenários e temas relacionados aos sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção.



A partir dos cenários confeccionados por Lara e suas respectivas histórias, é possível perceber que há uma mudança não apenas nas temáticas, mas no próprio comportamento da participante ao longo do processo. Nas primeiras duas sessões, apresenta-se como uma criança acanhada, sempre muito educada e cuidadosa com a manipulação das miniaturas. Da terceira sessão em diante, demonstra-se mais falante, ainda brincando com cuidado para não estragar as miniaturas, mas com movimentos mais leves, menos tensos.

Da primeira à quarta sessão, os cenários se passam em ambientes domésticos ou que envolvam a família, representando o dia a dia mais próximo ao concretamente vivenciado

pela criança. A sexta sessão apresenta uma mudança na temática; a formulação da família já não é a mesma; entra em pauta uma nova história, focada na relação pai e filha, em que a menina treina todos os dias para que possa seguir o mesmo caminho que o pai no exército; seu objetivo final é lutar com um dragão.

Bradway (2001) compreende o heroísmo como uma atividade espiritual própria do filho, sendo que o domínio e o poder são atribuídos ao pai. Considera a figura paterna como uma representação de força da tradição, mandamentos morais e proibições, que tem como objetivo a restrição das forças instintivas e subversão da consciência. O interessante no caso em tela, é que a criança traz que treina para lutar com um dragão, ao mesmo tempo que reconhece que ele está ficando velho, sem forças, não apresentando uma verdadeira ameaça. Há, portanto, um desejo de seguir o caminho do pai, e, concomitantemente, anseia pela libertação dessa tarefa, que logo virá, pois não demonstra ser uma luta difícil de travar e vencer.

Observa-se que a sétima sessão é uma continuação da luta, gradativamente mais tranquila. O cenário é um marco, pois o ambiente familiar até então conhecido se altera ainda mais em comparação à sexta sessão, partindo para a floresta. Esse ambiente, segundo Bradway (2001), é a representação de um local onde o reino vegetal prospera, livre de qualquer controle ou cultivo, mas que, diferente da cidade, abriga todos os tipos de perigo e demônios. Todavia, apesar de ser um local desconhecido e potencialmente perigoso, há um encontro harmônico entre crianças e os animais, que lutam cooperativamente pela sobrevivência.

As caixas seguintes são cenários que representam ambientes uma vez destruídos, mas reestruturados. É relevante notar que os autores das destruições são animais, que, em vez de serem punidos, são acolhidos pela família. Ou seja, Lara para de brigar com esse lado instintivo como algo puramente negativo. Reconhece que são impulsos ameaçadores e

destrutivos, mas, apesar de seu teor agressivo, começam a ser aceitos e integrados pela psique de Lara.

A décima sessão marca a finalização do processo de Lara na pesquisa, e traz um cenário completamente diferente. Há a presença de um bebê, encontrado pelas irmãs na floresta, que pode ser a representação de algo novo, recém-surgido e que apresenta desafios, uma vez que precisa comer, mas não há comida em casa, obrigando as meninas a saírem para caçar. De acordo com Jung (1993), “o nascimento da criança sempre remete ao novo, um estado psicológico do não conhecer” (p.174), retratando a criança como algo que se desenvolve rumo à autonomia, como um futuro em potencial.

Lara foi a criança que mais demorou para se acostumar com o ambiente da clínica, precisando de três sessões para permitir se soltar durante as sessões de jogo de areia. Da terceira à sétima sessão, apresentou uma fala muito acelerada, ficando difícil acompanhar suas narrativas, e desviava o foco da caixa de areia com frequência. Apesar disso, na oitava sessão já chegou mais calma para a confecção da caixa, mantendo essa tranquilidade até a última sessão.

Ao final da pesquisa, os pais notaram grande diferença nos comportamentos da criança, sentindo-a mais calma. A docente relatou estar maravilhada com o trabalho, chegando a questionar sobre qual foi o “pó mágico” utilizado. Conta que a criança demonstrou-se mais participativa nas aulas e de uma maneira mais adequada, pois antes interrompia os colegas em momentos inapropriados e apresentava dificuldades para prestar atenção.

Considerações Finais

O estudo teve como objetivo avaliar a pertinência do uso do Sandplay em crianças oriundas da educação infantil com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção. Participaram da pesquisa seis crianças, de quatro a seis anos de idade, oriundas de uma Instituição de Educação Infantil no interior do estado de Minas Gerais. Os instrumentos utilizados foram: entrevistas semiestruturadas com os professores e responsáveis, aplicação do questionário SNAP-IV e anamnese com os familiares. Para avaliar a pertinência do uso, utilizaram-se dez sessões de atendimento psicológico com o uso do Sandplay. Ainda, ao final do estudo, foram realizadas entrevistas com os responsáveis e professores, bem como reaplicado o questionário SNAP-IV a fim de verificar se houve alterações na sintomatologia apresentada pelas crianças após a intervenção.

Considerando que o estudo ora relatado foi realizado no auge da pandemia de COVID-19, que instituiu uma série de restrições sanitárias e também gerou um ambiente ansiogênico e de muito medo na população em escala planetária, têm-se que seus achados mostram uma diminuição dos sintomas de desatenção em todos os participantes, bem como uma redução nos sintomas relacionados à hiperatividade e impulsividade em 83% das crianças. Além disso, vale destacar que as crianças não estavam sendo medicadas, nem estavam indo à escola, o que lança luz sobre a pertinência do uso do Sandplay nesses sintomas. Contudo, é importante frisar que tais dados não podem ser generalizados, considerado o tamanho da amostra estudada.

Ressalta-se que o estudo não teve intuito de diagnosticar transtornos nas crianças, haja vista que os instrumentos utilizados não permitem tal identificação, porém, apontam para a necessidade de se terem instrumentos mais fidedignos para essa tarefa. É digno de nota esclarecer que o próprio SNAP-IV não se mostra suficiente para o diagnóstico, já que se trata

de uma relação de possíveis sintomas, sem cumprir com os parâmetros necessários para um instrumento psicométrico.

É importante destacar que o trabalho com o jogo de areia é perfeitamente viável em contextos educacionais, bem como já foi demonstrado em literaturas da área por Andion (2010) e Azevedo (2015). Assim, sugere-se que psicólogos, em especial, psicólogos escolares e educacionais, tenham conhecimento sobre seu procedimento, visto que pode contribuir com o desenvolvimento infantil, além de minimizar estereótipos presentes na escola.

Destaca-se que os materiais utilizados para as confecções de cenários no jogo de areia são acessíveis financeiramente e fáceis de ser encontrados, afinal, resumem-se a uma caixa com areia esterilizada, uma estante e miniaturas diversas. Desse modo, tem-se um recurso importante para atuação do psicólogo escolar, não no intuito de “fazer clínica” nas escolas, mas como uma ferramenta adicional a ser utilizada, que, além de possibilitar a diminuição dos sintomas, favorece a expressividade e espontaneidade e, em acréscimo, contribui para a organização psíquica das crianças.

Por fim, considerada a questão crescente da medicalização de crianças em idades cada vez mais precoces, devida ao diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), acredita-se que dispor de um recurso oriundo dos fazeres psicológicos poderá contribuir com um manejo mais adequado da questão. Evidentemente, novos trabalhos com amostras mais ampliadas e em outros contextos são desejáveis, iluminando com novos dados a utilização do Sandplay junto às crianças pequenas.

Referências

- Ammann, R. (2004). *A terapia do jogo de areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade* (Serpa M, trad.). Paulus. (Obra original publicada em 1989).
- Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2012) Prescrição e consumo de metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e controle sanitário. Boletim de Farmacoepidemiologia do SNGPC. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/sngpc/boletins/2012/boletim_sngpc_2_2012_corrigido_2.pdf.
- Andion, T. M. (2010). *Jogo de Areia. Intervenção psicopedagógica à luz da teoria piagetiana na caixa de areia*. Editora WAK.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2002). *Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade*. In *Associação Americana de Psiquiatria, Manual de 99 Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (pp. 112-119, 4 ed.). American Psychiatric Association.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. In *Associação Americana de Psiquiatria, Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (pp. 59-66, 5 ed.). American Psychiatric Association.
- Associação Brasileira de Déficit de Atenção. (2010). SNAP-IV. Recuperado de: <https://tdah.org.br/diagnostico-criancas/>
- Azevedo, C. M. H. (2015), *Manual Psicopedagógico de Sandplay “caixa de areia”*. (1a ed.). Edicon.
- Bachmann, H. I. (2017). *O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fadas*. Editora Vozes Limitada.
- Boot, N., Nevicka, B., & Baas, M. (2017). Subclinical symptoms of attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) are associated with specific creative processes. *Personality and Individual Differences*, 114, 73-81. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.03.050>
- Boot, N., Nevicka, B., & Baas, M. (2020). Creativity in ADHD: goal-directed motivation and domain specificity. *Journal of attention disorders*, 24(13), 1857-1866. doi: <https://doi.org/10.1177/1087054717727>
- Bowyer, L. R. (1970). *The Lowenfeld World technique: Studies in personality*. Pergamon Press.
- Bradway, K. (2001). Symbol dictionary: Symbolic meanings of sandplay images. *Journal of Sandplay Therapy*, 10(1), 9-110.
- Brzozowski, F. S., & Caponi, S. (2009). *Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade: classificação e classificados*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19, 1165-1187. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000400014>
- Conselho Regional de Farmácia de São Paulo. (2014). *Consumo de Ritalina® aumentou 775%*

em dez anos. 2014. Disponível em: <http://portal.crfsp.org.br/noticias/5713-consumo-de-ritalina-aumentou-775-em-dez-anos-aponta-pesquisa.html>

- Cosenza, R., & Guerra, L. (2011). *Neurociência e educação*. Artmed Editora.
- Cunningham, L. (1997). Sandplay therapy. *Journal of Sandplay Therapy*, 6(1), 10-13.
- Cruz, M. D. C. C., & Fialho, M. T. (1998). A Caixa de Areia: Técnica projectiva e método terapêutico. *Análise Psicológica*, 16(2), 231-241.
- Dalgalarrodo, P. (2018). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Giovanetti, R. M., & Sant'Anna, P. A. (2014). Componentes materiais do jogo de areia: revisão crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 89-96. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100011>
- Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. *Educação e pesquisa*, 33(1), 151-161. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000100010>
- Grubbs, G. A. (2005). *The sandplay categorical checklist for sandplay analysis*. Rubedo Publications.
- Hernández, G. G. C., & Selva, J. P. S. (2016). Medication and creativity in attention deficit hyperactivity disorder (ADHD). *Psicothema*, 28(1), 20-25. doi: <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.126>
- Fillus, M. A. (2013). O desenvolvimento do ego infantil expresso nas imagens oníricas de crianças (Dissertação Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15309>
- Jacobi, J. (2016). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de CG Jung*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1957)
- Jung, C. G. (2013a). *A natureza da psique*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1971)
- Jung, C. G. (2013b). *Tipos Psicológicos*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1971)
- Jung, C. G. (2013c). *O desenvolvimento da personalidade*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1972)
- Jung, C. G. (2013d). *Aion - Estudo sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1976)
- Jung, C. G. (2014). *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Editora Vozes. (Obra original publicada em 1976)
- Kahrizi, S. A., Moradi, A., & Momeni, K. (2015). The effectiveness of sand play therapy on aggression/hyperactivity preschoolers. *Journal of Culture Counselling and Psychotherapy*, 18, 127-150.

- Kalff, D. M. (2003). *Sandplay: A psychotherapeutic approach to the psyche*. Temenos Press.
- Kalff, M. (2006/2017) Twenty-one points to be considered in the interpretation of a sandplay. *Journal of Sandplay Therapy, Volume 16*
- Lee, G. M., Johari, K. S. K., Mahmud, Z. & Jamaludin. L. (2018). The impact of sandtray therapy in group counselling towards children's self-esteem. *Global Journal of Guidance and Counseling in Schools*. 8(2), 58-66. doi: <https://doi.org/10.18844/gjgc.v8i2.3578>
- Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021, que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Recuperado de: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.254-de-30-de-novembro-de-2021-363377461>
- Lu, L., Petersen, F., Lacroix, L., & Rousseau, C. (2010). Stimulating creative play in children with autism through sandplay. *The Arts in Psychotherapy*, 37(1), 56-64. doi: <https://doi.org/10.1016/j.aip.2009.09.003>
- Makris, N., Buka, S. L., Biederman, J., Papadimitriou, G. M., Hodge, S. M., Valera, E. M., ... & Seidman, L. J. (2008). Attention and executive systems abnormalities in adults with childhood ADHD: a DT-MRI study of connections. *Cerebral cortex*, 18(5), 1210-1220. doi: <https://doi.org/10.1093/cercor/bhm156>
- Martinhago, Fernanda. (2018). TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10), 3327-3336. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.15902018>
- Martins, Edna, & Szymanski, Heloisa. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1) Recuperado em 29 de julho de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Matta, R. M. D. (2007). A utilização da terapia do sandplay no tratamento de crianças com transtorno obsessivo-compulsivo. *Boletim de Psicologia*, 57(127), 153-164.
- Mattos, P., Serra-Pinheiro, M. A., Rohde, L. A., & Pinto, D. (2006). Apresentação de uma versão em português para uso no Brasil do instrumento MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e sintomas de transtorno desafiador e de oposição. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(3), 290-297. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000300008>.
- Meira, M. E. M. (2012). Para uma crítica da medicalização na educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16, 136-142. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100014>
- Miranda, M. C., Muszkat, M., & de Mello, C. B. (2013). *Neuropsicologia do Desenvolvimento: transtornos do neurodesenvolvimento*. Editora Rubio.
- Neumann, E. (1995). *A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação* (10 ed., PR Silva, trad.) Editora Cultrix (original publicado em 1980).

- Organização das Nações Unidas. (2019). *Psychotropic Substances: Statistics for 2018*. Recuperado de: https://www.incb.org/documents/Psychotropics/technical-publications/2019/PSY_Technical_Publication_2019.pdf
- Quintaes, M. (2011). *Letras imaginativas: Breves ensaios de psicologia arquetípica*. Paulus.
- Ramos, D. G., & Matta, R. M. (2008). Sandplay: a method for data analysis. *Journal of Sandplay Therapy*, 17(2), 93-115.
- Saiani, C. (2002). *Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno*. Escrituras Editora.
- Seidman, L. J., Valera, E. M., Makris, N., Monuteaux, M. C., Boriel, D. L., Kelkar, K., ... & Biederman, J. (2006). Dorsolateral prefrontal and anterior cingulate cortex volumetric abnormalities in adults with attention-deficit/hyperactivity disorder identified by magnetic resonance imaging. *Biological psychiatry*, 60(10), 1071-1080. doi: <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2006.04.031>
- Silva, A. C. D. (2018). *Uso da acupuntura em crianças com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção: uma alternativa para a despatologização da infância (Dissertação de Mestrado)*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia. doi: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1430>
- Silva, P. B., & Modl, F. D. C. (2017). A patologização da atenção e(m) uma perspectiva crítica. *Colóquio do Museu Pedagógico*, 12(1), 1890-1894.
- Starostina, L.D., & Filippova, M.A. (2018). Sandplay Therapy as a Method Of Correction Of Emotional Disorders In Preschoolers. *Russian Journal of Education and Psychology*, 9 (10). doi: <https://doi.org/10.12731/2218-7405-2018-10-133-150>
- Stein, M. (2006). *Jung - O mapa da alma*. Editora Cultrix.
- Turner, B. A. (2005). *The handbook of sandplay therapy*. Temenos Press.
- Vieira, A. G. (2003). *Imagem, símbolo e narrativa na psicologia analítica de CG Jung*.
- Weinrib, E. L. (1993). *Imagens do Self: o processo terapêutico na caixa de areia* (DG Aubert, trad.). Summus.(original publicado em 1983)
- Whitmont, E. C. (2014). *Busca Do Símbolo* (15a ed., EF Pereira & KM Orberg, trad.) Editora Cultrix. (original publicado em 1969).

Apêndice A

SNAP-IV

Marque um X na coluna que melhor descreve o comportamento da criança ou adolescente.

	Nem um pouco	Só um pouco	Bastante	Demais
1. Não consegue prestar muita atenção a detalhes ou comete erros por descuido nos trabalhos da escola ou tarefas				
2. Tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades de lazer				
3. Parece não estar ouvindo quando se fala diretamente com ele				
4. Não segue instruções até o fim e não termina deveres de escola, tarefas ou obrigações				
5. Tem dificuldade para organizar tarefas e atividades				
6. Evita, não gosta ou se envolve contra a vontade em tarefas que exigem esforço mental prolongado				
7. Perde coisas necessárias para atividades (brinquedos, deveres da escola, lápis ou livros)				

8. Distrai-se com estímulos externos				
9. É esquecido em atividades do dia a dia				
10. Mexe com as mãos ou os pés ou se remexe na cadeira				
11. Sai do lugar na sala de aula ou em outras situações em que se espera que fique sentado				
12. Corre de um lado para o outro ou sobe demais nas coisas em situações em que isto é inapropriado				
13. Tem dificuldade em brincar ou envolver-se em atividades de lazer de forma calma				
14. Não para ou frequentemente está a “mil por hora”				
15. Fala em excesso				
16. Responde perguntas de forma precipitada antes que elas tenham sido terminadas				
17. Tem dificuldade em esperar sua vez				
18. Interrompe os outros ou se intromete (nas conversas, jogos, etc.)				

Fonte: De “Apresentação de uma versão em português para uso no Brasil do instrumento MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e sintomas de transtorno desafiador e de oposição” de P. Mattos, M. A. Serra-Pinheiro, L. A. Rohde, & D. Pinto, 2006, *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 290-297. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000300008>.

Apêndice B

Roteiro De Entrevista Com Os Responsáveis Identificação Pais/Responsáveis Antes da Aplicação da Técnica Sandplay

Mãe: Nome: _____

Idade: _____ Profissão: _____

Escolaridade: _____ Telefone/Celular: _____

Pai:

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone/Celular: _____

Identificação da criança:

Nome: _____ Sexo: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: _____ Local

em que estuda: _____

Composição familiar: Irmãos: () Sim () Não. Se sim, quantos?

Idades: _____

Responsável pelas informações: () pai / () mãe / () ambos / outros:

Anamnese:

Como foi a gestação? Teve complicações durante a gravidez? no parto? no pós-parto?

Foi realizado o Pré-natal?

A criança teve alguma doença infantil? Se sim, qual:

Como é a preparação para dormir?

Demora para dormir? Dorme sozinho? Sonha? Range os dentes? Faz xixi na cama?

Tem algum medo?

Identificação dos sintomas:

Vocês consideram que é uma criança agitada, impulsiva e desatenta? Por que?

Qual foi e como foi o início desses sintomas?

Vocês sentiram que a COVID-19 teve impacto nesses comportamentos? Se sim, quais foram?

Como a pandemia afetou a rotina da família e como vocês sentiram que foi isso para a criança?

Como esses sintomas se manifestam em casa ou em outros contextos sociais, como na escola?

Como vocês lidam com esses sintomas?

Relacionamentos:

Como a criança se relaciona com vocês?

Com os irmãos e outros familiares, como ela se relaciona?

A criança brinca com outras crianças? e com vocês?

Como ela resolve os problemas quando brinca?

E com os colegas e amigos, como ela se relaciona?

Escolaridade:

Quando entrou na escola?

Como vocês sentiram que foi para ela a entrada na escola? E para vocês?

Fez pré-escola?

Por quantas escolas passou?

A criança demonstrou alguma dificuldade de aprendizado?

Se sim, como foi? Como vocês agiram frente às dificuldades da criança?

Como vocês sentiram que a COVID-19 impactou na relação da criança com a escola?

Como tem sido as aulas on-line?

Como tem sido o desempenho escolar? Ela consegue estudar sozinha?

Finaliza todas as atividades? Desiste no meio do caminho? Se sim, aceita ajuda quando é oferecida?

É necessário ficar de olho se está cumprindo todas as atividades?

O que vocês esperam das sessões com a Técnica Sandplay?

Apêndice C

Roteiro de Entrevista com os Responsáveis Após as Sessões da Técnica Sandplay

Em casa:

Como vocês sentiram que está a criança? Sentiram alguma mudança em seus comportamentos depois do tratamento?

Como ela está se relacionando com vocês?

Com os irmãos e outros familiares, como ela tem se relacionado?

Vocês sentiram que a criança mudou sua forma de se relacionar depois das sessões da Técnica Sandplay?

Como está o sono? Dorme sozinha? Range os dentes? Acorda durante a noite? Faz xixi na cama?

Na escola:

As aulas retornaram ao presencial?

Nas aulas, vocês sentiram alguma diferença no relacionamento dela com os professores, colegas?

Em relação à escola, vocês sentiram alguma diferença no desempenho escolar?

Ela está conseguindo estudar sozinha?

Tem conseguido finalizar todas as atividades? Desiste no meio do caminho? Se sim, aceita ajuda quando é oferecido?

É necessário ficar de olho se está cumprindo todas as atividades?

Apêndice D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável Legal por menor de 18 anos

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada “Uso do Sandplay no atendimento de crianças com sintomas, hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção”, sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana Rezende Spini, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Dra. Celia Vectore.

Nesta pesquisa nós buscaremos avaliar a efetividade de dez sessões da Técnica Sandplay em crianças de quatro a cinco anos, com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, bem com entender tais sintomatologias a partir da teoria que fundamenta a técnica, Psicologia Analítica. Pretendendo dessa forma, propiciar um novo manejo na sintomatologia indicativa de TDAH, que possibilite a diminuição/eliminação do uso de medicamentos utilizados para esse fim.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Mariana Rezende Spini no momento da primeira entrevista, que será realizada por meio da plataforma Skype/google meet ou na clínica de Psicologia onde a pesquisadora atua, em dia e horário convenientes para os participantes. Esclarecemos que a sua participação acontecerá por meio de entrevistas: a) Entrevistas, para que possamos conhecer a história de vida do(a) seu(a) filho(a), contexto familiar, escolar e social que o(a) envolve e questões acerca dos sintomas de hiperatividade, impulsividade e desatenção. b) Entrevista posterior às sessões da Técnica Sandplay, com a finalidade de avaliar se houve modificações no quadro sintomatológico da criança. Na sua participação, você será entrevistado e responderá a perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. A sua participação será gravada em áudio pela pesquisadora (somente voz), transcrita (passada para o papel), as entrevistas serão gravadas e depois transcritas. Você terá um tempo para decidir se participará ou não da pesquisa, e as gravações e registros serão arquivados por um período mínimo de cinco anos, conforme as Resoluções CNS466/12 e 510/16. Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, você responderá ao questionário “SNAP IV” e terá 10 sessões da técnica Sandplay, cada uma das sessões terá a duração de 50 minutos.

Em nenhum momento, nem o menor nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim suas identidades serão preservadas. Nem ele (a) nem você terão nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. O único risco da pesquisa seria o da identificação dos participantes. Entretanto, a equipe executora tomará todos os cuidados possíveis para resguardar o sigilo absoluto da identidade dos envolvidos no estudo, como utilização de códigos, enumeração, nomes fictícios, entre outros para que tal fato não aconteça. Os participantes poderão se beneficiar do trabalho, haja vista a possibilidade de participar de atendimentos que possibilitam formas de lidar com os sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, construindo estratégias de enfrentamento e passíveis de reduzirem a ocorrência dos comportamentos disfuncionais. Outro benefício em potencial desta pesquisa é que a mesma permite a construção de um espaço de escuta e acolhimento relevante, pois ao legitimar e reconhecer o lugar de quem fala facilita a própria terapêutica a qual se propõe.. Para além, a Técnica Sandplay poderá ser vista como uma alternativa à desmedicalização da infância. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum constrangimento ou prejuízo. Havendo algum dano

decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Uma via original desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Mariana Rezende Spini e Celia Vectore

Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Av. Pará, 1720 - Campus Umuarama. Uberlândia. Fones: (34) 3218-2428. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Avenida João Naves de Ávila, 2160, Bloco A, sala 224. Campus Santa Mônica. Uberlândia. Fone: (34) 3239-4131.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

Apêndice E

Roteiro De Entrevista Com Professor (a) antes das sessões de Sandplay

Identificação:

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Telefone/Celular: _____

Há quanto tempo conhece a criança?

Chegou a conhecê-la presencialmente antes do COVID-19? Se sim, sentiu alguma diferença no comportamento dela em sala e desempenho acadêmico antes e depois do início da pandemia?

Como tem sido a rotina das aulas on-line?

Como a criança se comporta durante as aulas?

Precisa de ajuda para fazer as atividades?

Finaliza todas as atividades ou desiste no meio do caminho?

Aceita ajuda quando é oferecida?

É necessário ficar de olho se está cumprindo todas as atividades?

Como é o material didático da criança?

Você sente que há presença de comportamentos de agitação, impulsividade e/ou desatenção na criança durante as aulas? Se sim, quais são e como você lida com eles?

Como os colegas de sala lidam com esses comportamentos?

Apêndice F

Roteiro de entrevista com professor (a) após as sessões da técnica sandplay

Como sente que a criança está na aula?

Você nota alguma diferença nos comportamentos de agitação, impulsividade e/ou desatenção relatados anteriormente? Para melhor ou pior?

Sentiu alguma mudança na forma como a criança se relaciona com os colegas? E com você?

Como está o desempenho acadêmico da criança, você sentiu que mudou? Para melhor ou pior?

A criança demonstra precisar de ajuda para fazer as atividades?

Tem finalizado todas as atividades ou desistido no meio do caminho?

Aceita ajuda quando é oferecida?

É necessário ficar de olho se está cumprindo todas as atividades?

Sentiu alguma diferença no material didático da criança?

Apêndice G

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professores

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Sandplay: Um Estudo Exploratório em crianças com sintomas, hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção”, sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana Rezende Spini, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Dra. Celia Vectore.

Nesta pesquisa nós buscaremos avaliar a efetividade de dez sessões da Técnica Sandplay em crianças de quatro a seis anos, com sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, bem com entender tais sintomatologias a partir da teoria que fundamenta a técnica, Psicologia Analítica. Pretendendo dessa forma, propiciar um novo manejo na sintomatologia indicativa de TDAH, que possibilite a diminuição/eliminação do uso de medicamentos utilizados para esse fim.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Mariana Rezende Spini no momento da primeira entrevista com o(a) professor(a), que será realizada na escola do aluno em dia e horário convenientes para os participantes, resguardando a rotina diária da criança.

Na sua participação, você será entrevistado e responderá a perguntas relacionadas ao tema da pesquisa e sobre as crianças que estão sob sua responsabilidade. A sua participação será gravada em áudio pela pesquisadora (somente voz), transcrita (passada para o papel), as entrevistas serão gravadas e depois transcritas. As gravações e registros serão arquivados por um período mínimo de cinco anos, conforme as Resoluções CNS466/12 e 510/16.

Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim suas identidades serão preservadas. Você não terá nenhum ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco seria o da identificação dos participantes. Entretanto, a equipe executora tomará todos os cuidados possíveis para resguardar o sigilo absoluto da identidade dos envolvidos no estudo, como utilização de uso de códigos, enumeração, nomes fictícios, entre outros para que tal fato não aconteça. Os participantes poderão se beneficiar do trabalho, haja vista a possibilidade de participar de atendimentos que possibilitam formas de lidar com os sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, construindo estratégias de enfrentamento e passíveis de reduzirem a ocorrência dos comportamentos disfuncionais. Outro benefício em potencial desta pesquisa é que a mesma permite a construção de um espaço de escuta e acolhimento relevante, pois ao legitimar e reconhecer o lugar de quem fala facilita a própria terapêutica a qual se propõe. Além disso, a Técnica Sandplay poderá ser vista como uma alternativa à medicalização da infância.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum constrangimento ou prejuízo. Uma via original desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Mariana Rezende Spini e Celia Vectore

Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Av. Pará, 1720 - Campus Umuarama. Uberlândia. Fones: (34) 3218-2428. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Avenida João Naves de Ávila, 2160, Bloco A, sala 224. Campus Santa Mônica. Uberlândia. Fone: (34) 3239-4131.

Uberlândia, dede 20.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

Anexo 1

Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: USO DO SANDPLAY NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM SINTOMAS DE HIPERATIVIDADE, IMPULSIVIDADE E/OU DESATENÇÃO

Pesquisador: Celia Vettore

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 36641320.0.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.873.743

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda para alteração de instituição coparticipante, local de realização da coleta e cronograma, em razão de dificuldades advindas da pandemia do novo coronavírus.

Objetivo da Pesquisa:

Nos termos da PB:

"Objetivo Primário:

Avaliar a pertinência do uso da técnica do Sandplay, no que se refere a alteração de comportamentos identificados como hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção em crianças oriundas da educação infantil.

Objetivos Secundários:

- 1) Avaliar os comportamentos de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção em crianças, antes e após a intervenção.
- 2) Propiciar um novo manejo na sintomatologia indicativa de TDAH, que possibilite a diminuição/eliminação do uso de medicamentos utilizados para esse fim."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Nos termos da PB:

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 4.873.743

"Riscos:

Como não existe uma pesquisa sem riscos, o único seria o da identificação dos participantes. Entretanto, a equipe executora tomará todos os cuidados possíveis para resguardar o sigilo absoluto da identidade dos envolvidos no estudo, como utilização de uso de códigos, enumeração, nomes fictícios, entre outros para que tal fato não aconteça.

Benefícios:

Os participantes poderão se beneficiar do trabalho, haja vista a possibilidade de participar de atendimentos que possibilitam formas de lidar com os sintomas de hiperatividade, impulsividade e/ou desatenção, construindo de estratégias de enfrentamento e passíveis de reduzirem a ocorrência dos comportamentos disfuncionais. Outro benefício em potencial desta pesquisa é que a mesma permite a construção de um espaço de escuta e acolhimento relevante, pois ao legitimar e reconhecer o lugar de quem fala facilita a própria terapêutica a qual se propõe."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A emenda não implica alterações éticas ou no objetivo da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos devidamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto e de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação da emenda de pesquisa proposta.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1761214_E1.pdf	22/06/2021 11:05:14		Aceito
Outros	carta_emenda.pdf	22/06/2021 11:03:16	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_professor.pdf	22/06/2021 11:03:01	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 4.873.743

Ausência	TCLE_professor.pdf	22/06/2021 11:03:01	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis.pdf	22/06/2021 11:02:50	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	22/06/2021 11:02:41	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Instituicao_Co_participante.pdf	21/06/2021 11:49:52	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
Outros	Pendencias_respondidas.pdf	02/09/2020 16:53:28	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_equipe_executora.pdf	10/08/2020 14:00:24	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Solicitacao_de_retirada_de_participacao_em_pesquisa.pdf	07/08/2020 22:04:30	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_sandplay.pdf	07/08/2020 21:40:18	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito
Outros	curriculos.pdf	07/08/2020 11:49:44	MARIANA REZENDE SPINI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLANDIA, 29 de Julho de 2021

Assinado por:
Karine Rezende de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br